PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

CAROLINA FERRAZ DA SILVA

A elaboração do luto pelo animal de estimação na atualidade

Especialização em Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura

São Paulo – SP

2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

CAROLINA FERRAZ DA SILVA

A elaboração do luto pelo animal de estimação na atualidade

Especialização em Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura

Monografia de conclusão de curso de pós-graduação lato sensu, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Semiótica Psicanalítica: Clínica da Cultura, promovido pela Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – COGEAE da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Trabalho sob orientação da Profa. Dra. Isabel Victoria Galleguillos Jungk.

São Paulo – SP

2018

À Lana e à Mila, que acompanharam meu crescimento e quando se foram, me inspiraram a estudar esse tema. Ao Dom Quixote e à Sofia, fontes inesgotáveis de companheirismo e amor, que me diziam quando era hora de parar de escrever, investindo contra o computador. Não consigo descrever a dor que sentirei ao perdê-los.

AGRADECIMENTOS

Foram dois anos de aula, meses de leitura e dias escrevendo para concluir esse projeto. Durante esse tempo, recebi apoio, incentivo, confiança e amor de muitos lados e agora, é o momento de agradecer.

Ao Professor Clóvis Pereira que acreditou no tema do meu trabalho e mais do que isso: se enxergou nele. Compartilhamos leituras, conversas e confissões de um luto não validado. Sinto saudade do amigo e professor que ganhei.

À Isabel Jungk, minha superorientadora. Obrigada por me acolher quando eu mais precisava, por me ajudar tecnicamente e emocionalmente. Obrigada por responder meus e-mails em tempo recorde, por ser tão atenta e por dar aula e orientar com tanta paixão. Isabel é a prova de que grandes professores têm mais do que muito estudo e um título de mestrado: tem amor, dedicação e muita humildade.

Para encerrar o tema PUC, agradeço aos professores Oscar Cesarotto, Claudio Montoto, Lucia Santaella e Fani Hisgail por construírem um curso tão delicioso e transformador. E claro, meu muito obrigada aos colegas de turma que durante dois anos compartilharam comigo mais do que o espaço físico, mas as risadas, angústias, desejos e descobertas das aulas e da vida.

Agora, vamos falar de família. Eunice, Yugo e Fernando, sou privilegiada por ter uma família que me deu tanto amor e incentivo. Não sei o que faria sem vocês me apoiando e buscando livros e artigos científicos fundamentais para a construção desse trabalho.

Por último e não menos importante, meu obrigada à Raquel e sua Amy, e à Morgana e seu Bebeco. Duas amigas que compartilham a paixão por animais comigo e são a prova do quão importante é falar sobre o luto pelo

animal de estimação e validar essa dor. Poder escrever sobre algo que acreditamos verdadeiramente é um privilégio.

É possível explicar as razões pelas quais você pode amar um animal como Jofie com tanta intensidade. É um afeto absoluto. A simplicidade da vida sem os conflitos insuportáveis da cultura. Uma existência completa em si e apesar de todas as divergências orgânicas, o sentimento de uma afinidade íntima, de uma solidariedade indiscutível. Muitas vezes, quando eu acaricio Jofie, tenho me surpreendido cantando uma melodia que diz: um laço de amizade nos une.
FREUD (1937 *apud* GREEN, 2002, online)

A elaboração do luto pelo animal de estimação na atualidade

Carolina Ferraz da Silva

RESUMO

Atualmente, o animal deixou de ser apenas o guardião da casa e tornou-se membro da família. Pesquisas apontam o crescimento exponencial do mercado *pet* assim como um vínculo maior entre humano e animal. Contudo, no momento em que o animal de estimação morre, é como se ele voltasse no tempo, na época em que era apenas protagonista do quintal. Levando em conta esse cenário controverso, o objetivo desse estudo é apresentar e entender como o processo de luto pelo animal de estimação acontece nos dias de hoje, baseando-se em depoimentos de quem perdeu um animal de estimação, pesquisas acadêmicas e abordagens psicanalíticas. Para isso, foram utilizadas as elaborações de Lacan, sobre a estrutura do inconsciente e do eu, de Freud e seus estudos sobre a pulsão de morte e vida, o narcisismo, o significado da perda e do luto na vida do indivíduo, e a definição de melancolia, bem como a pesquisa de Parkes sobre os sintomas de luto na vida adulta. Além desses estudos, foram utilizadas a pesquisa de Oliveira e de outros estudiosos como Doka e Fuchs, que discorrem sobre o luto não validado pelo *pet* e sobre o papel que ocupa o animal de estimação na vida de seu tutor. Alguns aspectos analisados foram os desafios do enlutado, a aceitação por parte da sociedade e os serviços e redes de apoio disponíveis. Ao final da pesquisa, foi possível concluir que, apesar do processo de luto e a dor do rompimento do vínculo com o animal poder ser semelhante ao rompimento com um ente humano, a dor pela morte do animal de estimação ainda não é validada pela sociedade, o que significa uma rede de acolhimento limitada e uma possível barreira à elaboração sadia do luto. Ao seu término, o estudo enfatiza a importância de cada indivíduo olhar com mais empatia para os enlutados pela morte de seu *pet* e estar pronto a ampará-lo quando necessário a fim de construir uma sociedade mais acolhedora.

Palavras-chave: Psicanálise. Animal de estimação. Luto não reconhecido. Melancolia. Simbolização.

The mourning loss for pets nowadays

Carolina Ferraz da Silva

ABSTRACT

Currently, the animal has ceased to be just the guardian of the house and has become a member of the family. Researches point to the exponential growth of the pet market as well as a greater link between human and animal. However, by the time the pet dies, it is as if he returns in time, at a time when he was only the protagonist of the yard. Considering this controversial scenario, the aim of this study is to present and understand how the process of mourning for the pet happens nowadays, based on testimonials of those who lost a pet, on academic researches and psychoanalytic approaches. For this, were used Lacan's elaborations on the structure of the unconscious and the self, Freud's studies on the drive of death and life, narcissism, the meaning of loss and mourning in the life of the individual, and the definition of melancholy, as well as Parkes' research on the symptoms of mourning in adult life. In addition to these studies, we used the research of Oliveira and other scholars such as Doka and Fuchs, who discuss not validated mourning by the pet and the role that the pet occupies in the life of its guardian. Some of the aspects analyzed were the challenges of the grieving person, acceptance by society and the support services and networks available. At the end of the research, it was possible to conclude that, although the mourning process and the pain for the rupture of the bond with the animal may be similar to that of a human being, the pain for the death of the pet is not validated by society yet, which means a limited support network and a possible barrier to the healthy elaboration of mourning. At the end, the study emphasizes the importance of each individual looking more empathically at the mourners for the death of their pet and being ready to support him when necessary in order to build a more welcoming society.

Keywords:

Psychoanalysis. Pet. Unrecognized grief. Melancholy. Symbolization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Freud e Jofie 19
Figura 2 - Livro infantil sobre a perda do animal 42
Figura 3 - Cemitério virtual nos Estados Unidos 48
Figura 4 - Cemitério Paraíso dos Bichos 49
Figura 5 - Cemitério Casa Rosa 50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

1. O ANIMAL DE ESTIMAÇÃO NOS DIAS DE HOJE 14

1.1. O lugar do animal nas casas 14
1.2. O *pet* no mercado financeiro 15
1.3 Animal como família e facilitador: os benefícios do convívio 17

2. O VÍNCULO E A PERDA NA PSICANÁLISE 24

2.1 O animal como objeto de amor 24
2.2 O momento da perda do animal: com a palavra, o enlutado 27

3. LUTO PELO ANIMAL DE ESTIMAÇÃO 31

3.1 Afinal, o que é o luto? 31
3.2 O luto não reconhecido 35
3.3. A dor é a mesma. Os obstáculos, ainda maiores 37
3.3.1 A similaridade da dor 37
3.3.2 Os desafios da perda não validada 43
3.3.3. Rituais 46
3.4 Possíveis consequências 51
3.4.1 Sobre a melancolia 52
3.4.2 A melancolia na atualidade 55

CONCLUSÃO 57

REFERÊNCIAS 60

INTRODUÇÃO

Há anos os animais integram o cotidiano das famílias e estão categorizados nas mais diferentes espécies. Embora cães e gatos sejam os principais a habitar os lares, especialmente nas grandes cidades, a eles se somam pássaros, roedores, peixes, porcos, e para os mais ousados, até cobras, habitam os ambientes domésticos.

Com número diverso de patas, asas e tamanhos, muitos deles conquistaram o coração de seus tutores. Se antes tinham função de proteção ou de auxílio na busca de alimento, hoje se transformaram em membros do clã e são fonte de afeto.

Essa mudança cultural fez com o que a relação do humano com o animal se modificasse em todos os aspectos: do lugar de dormir, passando pela alimentação, investimentos na saúde e bem-estar até a tão temida hora da morte.

Hoje, perder um animal de estimação, significa perder um grande amigo e, muitas vezes se ver obrigado a reestruturar toda a rotina familiar. Para o enlutado, o processo é bem semelhante ao que acontece quando um ser humano morre, exceto por um detalhe que faz toda a diferença: a sociedade não reconhece a dor pela morte do animal como válida.

Diante deste cenário, essa pesquisa visa conhecer e discorrer sobre o que significa perder um animal de estimação na contemporaneidade, qual o impacto da não aceitação no trabalho do luto, os sintomas apresentados pelos enlutados e como podemos usar a teoria psicanalítica para trazer luz sobre esse processo, incentivando mudanças.

Começamos então, no capítulo 1, por entender qual a importância do animal de estimação nos dias de hoje. Para isso analisamos dados do mercado, o comportamento de consumo dos donos de *pets* e quais impactos e

benefícios especialmente os cães e gatos trazem no dia a dia das famílias em que estão inseridos.

Em seguida, no capítulo 2, debatemos a relação entre homem e animal doméstico levando em consideração o papel que o animal desempenha na estrutura psicanalítica do indivíduo, estudando-o como objeto de amor e parte faltante depois da sua morte. Para isso, utilizamos depoimentos de enlutados e a teoria Freudiana sobre narcisismo, libido e pulsões, discorrendo sobre a real função do animal de estimação e o local que ocupa no coração, nos sentimentos do seu tutor.

O último, e mais extenso capítulo, é totalmente dedicado ao processo de luto e à perda do animal de estimação. A primeira parte apresenta conceitos de Freud e Lacan sobre o que significa o processo de luto. Em seguida, visitamos o conceito de perda não validada pela sociedade e mostramos que a perda do animal de estimação é uma delas. Muitas vezes, a dor e sintomas são similares à perda de um ente querido, e esclarecemos isso relacionando os estudos de Parkes, dedicados aos processos de luto enfrentados pela perda de seres humanos, com a tese de Oliveira e outros especialistas em luto pela perda de animais de estimação.

Em seguida, pesquisamos e discorremos sobre quais os desafios o enlutado pela morte do pet enfrenta, quais são as iniciativas que algumas organizações criaram para oferecer apoio e os benefícios de ser amparado nesse momento difícil. Encerramos o capítulo 3 com um importante tópico sobre a melancolia e o luto patológico, para alertar e reforçar a importância de se permitir e permitir ao outro viver sua dor de forma plena.

Portanto, observamos com esse trabalho que a relação intensa entre homem e animal é recente do ponto de vista cultural e a compreensão de um processo de luto doloroso pelo animal de estimação ainda não faz parte da educação e da experiência de todas as pessoas. Por isso, muitas vezes ocorre que familiares, amigos e nem mesmo o enlutado conseguem legitimar sua dor. É como ser tomado por um luto clandestino, estranho a si e ao outro.

Apesar disso, com o estudo da teoria psicanalítica concluímos que a dor é sim legítima, intensa e deve ser tratada como tal, do contrário pode desencadear sintomas psicológicos e até um quadro de melancolia. Para evitar agravantes e colaborar para a elaboração sadia do processo de luto, a pesquisa sugere o apoio e amparo ao enlutado, incentivando-o a buscar formas de simbolizar sua dor.

Só conseguimos nos posicionar e validar essa dor, quando entendemos exatamente o porquê dela existir, qual sua intensidade, quais os desafios e angústias de se enfrentar a dor de um luto não validado. Esta pesquisa possibilita ter contato com um universo ainda escondido sob a névoa da dor não validada, e trazê-lo à tona, aumentando o acesso e a chance da compreensão do outro sobre o tema. Ela permite o contato com o tema esmiuçando esses pontos. Dessa maneira, o exercício da empatia é facilitado, e o leitor tem a oportunidade de entender como apoiar o outro, muitas vezes utilizando as atividades e ações sugeridas pelo trabalho.

Progressivamente, o tema poderá ser vivenciado, discutido e divulgado de forma mais ampla, principalmente no boca-a-boca, até que se torne algo inerente à cultura, e o luto pelo animal de estimação seja reconhecido como tal. Quando percebemos a importância e colocamos tudo isso em prática, nos transformamos em agentes que validam a dor dessa perda, e contribuímos para a mudança gradual da cultura.

1. O ANIMAL DE ESTIMAÇÃO NOS DIAS DE HOJE

1.1. O lugar do animal nas casas

Arqueólogos apontam que a domesticação de animais começou há mais de 500.000 anos, quando cães – na época lobos atraídos pela comida abundante – começaram a ser utilizados para a caça nas épocas glaciais. Já os gatos tiveram como primeiros tutores os egípcios. Tratados como membros da família, ganharam esse *status* por ajudar no controle de pragas e possuírem "poderes mágicos", pois eram considerados reencarnação da deusa Bastet, responsável pela proteção e fertilidade das mulheres.

Com o passar do tempo, a prática de ter um animal nas casas foi crescendo. Segundo a GFK (*Growth from Knowledge,* Crescimento pelo Conhecimento, em português), 56% da população mundial e 75% dos brasileiros possuem um *pet* em suas casas. Os dados mais recentes do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa), apontam que há mais de 132 milhões de animais domésticos no País. Destes, 53 milhões são cães e 22 milhões, gatos. Com esse número, o Brasil é considerado o País com a 4ª maior população de animais domésticos do mundo.

Além do aumento do número de animais nas casas brasileiras, o lugar que ocupavam nas famílias mudou. Hoje, sete em cada dez cães ficam dentro de casa e 47% dormem na cama com seus tutores. As expressões linguísticas demonstram claramente a mudança de papel deles nas casas brasileiras. Antes, eram conhecidos como "criação", expressão utilizada pelos mais antigos para designar todo e qualquer animal que tinha um tipo de dependência da família, como a vaca que provia o leite, a galinha que ajudava com os ovos, o cão que protegia a casa e o gato que controlava os ratos. Hoje, as pessoas se referem aos animais com expressões mais doces e íntimas como: filho, menino, princesa, linda e amor.

E não foi só na linguagem que a mudança é notada. Dados do mercado corroboram para essa percepção.

1.2. O *pet* no mercado financeiro

Mesmo em tempos de crise, o mercado *pet* continua em plena expansão. Só em 2017, um ano considerado difícil para a economia, o crescimento foi de 7%. Segundo a Abin (Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação), os tutores brasileiros dos cerca de 130 milhões de animais, abastecem um mercado que fatura mais de 19,2 bilhões de reais, colocando o País como terceiro maior do mundo no segmento, que fatura mais de 105 bilhões por ano, segundo a Euromonitor Internacional.

O Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) revelou que, atualmente, os tutores investem cerca de 189 reais mensais em seus animais. Quando falamos de consumidores A e B, o valor sobe para 300 reais por animal. A pesquisa revela também que 33% dos donos de *pets* admitem que compram itens além do básico (alimentação, saúde e higiene) e que, mesmo sem dinheiro, 21% desses não deixam de comprar algo para seus *pets*.

Esse investimento acontece principalmente nas áreas de alimentação e higiene. Hoje, 52% dos tutores investem em um alimento *superpremium*, com preços que ultrapassam os 200 reais para um saco de ração de 7 quilos, por exemplo, 37% realizam a higienização deles em *pet* shops e 13% costumam fazer tratamentos estéticos em seus bichinhos de estimação.

A saúde e estética dos animais, ocupam, respectivamente, o segundo e terceiro lugar. A gigante do mercado de seguros, Porto Seguro, em 2014 investiu mais de 6 milhões de reais na compra de metade dos ativos da *Health for Pet*, primeiro plano de saúde para animais.

Segundo a MSD Saúde Animal, o alto investimento dos tutores na saúde dos animais é resultado da divisão do ambiente humano, já que os animais

hoje compartilham não só o quintal, mas a sala, quarto, sofás e camas, deixando a família mais exposta às zoonoses, por exemplo. A atitude que antes era curativa, tornou-se preventiva, assim garante-se a saúde também dos humanos.

As classes mais baixas investem em prevenção, utilizando produtos como antipulgas e vermífugos. Já as classes A e B, hoje desfrutam da evolução da medicina. Exames de sangue específicos, tomografias, anestesias inalatórias estão entre alguns procedimentos que exigem um investimento que vai de 300 até 1.500 reais. Procedimentos mais complexos como a internação em UTI monitorada custa a um tutor hoje, cerca de 500 reais. Os grandes custos, antes decorrentes de cirurgias, migraram para uma vasta gama de produtos como acupuntura, reabilitação com uso de células tronco e psicoterapia animal.

Mas se a saúde, assim como a alimentação são considerados itens de necessidade básica, não é bem assim quando falamos de estética e brinquedos para *pets*. O crescimento desses setores demonstra atitudes por parte dos tutores similares às demonstradas por pais de humanos.

Hoje, animais ganham roupas e sapatos não só para a proteção do frio e sim como forma de expressão da personalidade do tutor, principalmente os de cães, fenômeno que evidencia o ego do dono. Nesse mercado, os cachorros são dominantes, já que gatos, apesar de muito amorosos, não gostam de sair de casa e dificilmente aceitam acessórios. Banhos e em alguns casos, até idas ao veterinário são desafiadoras.

Unhas pintadas, drenagem, procedimentos a laser e até botox já existem como serviços para cães. Sem contar as creches para deixar o animal durante o expediente, buffets para festas de aniversários e padarias exclusivas para *pets*. A última novidade são os restaurantes que, além de *Pet Friendly,* oferecem serviços especiais para cães: o restaurante *La Pasta Gialla*, localizado em uma das áreas nobres de São Paulo, tem em seu menu opções

para humanos e seus cães, que contam com um espaço dedicado, com monitores atentos às necessidades do *pet*.

Ao ser questionada sobre o motivo do crescimento exponencial dos serviços e produtos voltados ao *pet*, a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo, FecomercioSP, justifica o fenômeno com a mudança do papel do animal nas famílias: “O setor tem sido beneficiado com o fator de baixa elasticidade da demanda. Por causa do envolvimento emocional. os gastos com animais têm tido prioridade no conjunto de gastos das famílias, por isso, não sofre tanto o impacto da crise econômica”.

Em tempos de famílias menores, pessoas solitárias e falta de tempo, o crescimento do mercado *pet* é impulsionado pela demanda de um sentimento nobre, facilmente preenchida pelo *pet*: o amor.

1.3 Animal como família e facilitador: os benefícios do convívio

A verticalização das cidades é uma das maiores responsáveis pela aproximação física de animais e pessoas. Os grandes centros comportam casas cada vez menores, que obrigam ser humano e *pet* a dividirem o mesmo espaço.

Já a parte emocional foi impactada pela mudança da estrutura familiar. Entre 2004 e 2014, a queda do número de filhos nas famílias brasileiras foi de aproximadamente 20%, segundo dados do IBGE (2015). Junto disso, aconteceu o fenômeno do envelhecimento da população e crescimento do número de pessoas morando sozinhas. Só no Brasil, o número de idosos solitários cresceu 6%. Quando todas as idades são consideradas, o dado sobe para 10%. Hoje, cerca de 15% das casas brasileiras são habitadas por apenas uma pessoa.

A dinâmica das cidades também é um dos fatores para o aumento do número de animais de estimação nas famílias. Com o tempo cada vez mais escasso e a individualidade crescente dos tempos modernos, a solidão é um dos fantasmas que ronda a casa e a vida das pessoas, mas animais de estimação podem oferecer companhia e alento nessas situações. Segundo Oliveira (2013, p. 43), somente o animal de estimação pode fornecer ilimitada oportunidade de afeição e amor incondicional, que são essenciais no desenvolvimento humano das relações de vínculo.

Freud concordaria. O “pai da psicanálise” teve duas grandes experiências com animais. Lün-Yu foi seu primeiro cachorro, com quem conviveu intensos 18 meses até o animal falecer de forma trágica. Freud precisou de cerca de 7 meses para superar a dor e adotar um novo amigo: Jofie. (THE GUARDIAN, 2002, online).

Família e amigos de Freud relataram quão repleto de amor era o relacionamento entre eles. Quando Freud estava fora, perguntava constantemente se estavam cuidando bem de Jofie. A cadelinha era alimentada com pedaços da própria comida de seu dono e acompanhava as sessões de análise, avisando quando era hora de encerrar. Durante a fase mais agressiva do câncer, Freud desabafou para sua grande amiga Marie Bonaparte "Eu gostaria que você pudesse ver comigo que simpatia Jofie me mostra durante esses dias infernais, como se ela entendesse tudo" (THE GUARDIAN, 2002, online).

Depois de 7 anos de convivência, Jofie faleceu e Freud usou mais uma vez as palavras para expressar seu luto profundo pelo animal em carta para o romancista Arnold Zweig: É irreal pensar que é possível se acostumar com isso. Mas é claro! Não se pode deixar facilamente para trás sete anos de intimidade” (THE GUARDIAN, 2002, online).

Figura 1: Freud e Jofie. Fonte: LPM [1]

[1] Foto tirada em 1937, em Viena. LPM. Os melhores amigos de Freud. Blog **LPM**. 2013. Disponível em (acesso em 20/06/2018) < https://www.lpm-blog.com.br/?p=19854 >

Intimidade. Essa palavra expressa bem o fato de que um animal de estimação muda completamente a rotina de uma família. Ele precisa de cuidados básicos, como alimentação, limpeza, e de muito carinho e disciplina. A relação vai muito além dos dias úteis e do horário comercial: cachorros demandam atenção e passeios aos fins de semana. Gatos, mudam a relação da família com o sono: como são animais noturnos não medem esforços para acordar seus tutores para brincar.

Ter um animal de estimação é mais do que alimentá-lo e levá-lo ao veterinário. Envolve investir tempo, esforço e carinho em seu comportamento e observar atentamente suas atitudes. Uma dose de paciência extra também é recomendada durante as estripulias do animal.

A palavra estimação já diz tudo sobre o que é ter um animal. Segundo o dicionário Michaelis (2018, online) a palavra estima significa “dedicação ou sentimento de apreço em relação a algo ou alguém; afeição, afeto, carinho”.

Mas não são só os humanos que aprendem a conviver com um animal. Cães e gatos também absorvem a rotina da sua família. Alexandra Horowitz (2011, online), psicóloga especialista em comportamento animal, afirma que, ao olhar para seu dono, um cachorro consegue detectar o nível de atenção e agir de acordo com o esperado. Já gatos, usam uma frequência específica de miado para pedir comida ao seu tutor humano.

A sensibilidade desses animais vai ainda mais longe. Cães e gatos conseguem identificar comportamentos fora do padrão de seus humanos. Situações de tristeza e raiva disparam a atenção dos *pets* que procuram ficar mais próximos. É dessa percepção que inúmeros benefícios para humanos nascem.

Um estudo publicado pela revista americana *Journal of Personality and Social Psychology* (2010), revelou que donos de animais de estimação são menos solitários e têm maior autoestima. Segundo o psiquiatra do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, Estevão Vadasz (2011, online) o contato

com um animal libera no cérebro humano “ocitocina, um neuro-hormônio responsável pelos sentimentos de afeição, aproximação e amor.”

Considerado um dos agentes de alegria, além dos benefícios na liberação de hormônios da “felicidade”, cães e gatos auxiliam na mobilidade, à medida que forçam seus tutores a sair de casa para passeios e também no senso de utilidade. Os animais oferecem aceitação sem julgamento e suportam àqueles que não recebem carinho dos familiares e das suas relações sociais (BROOKS, 2018, online).

Fuchs (1987, p. 164) relata que animais podem melhorar a autoestima de seus tutores. O ser humano sente-se útil e responsável pela vida daquele amigo de quatro-patas e isso é saudável para a mente dos tutores. O mesmo autor elenca em sua pesquisa de doutorado os benefícios comprovados: alívio para situações tensas, disponibilidade ininterrupta de afeto, estímulo ao riso, companhia constante, amizade incondicional, contato físico, sensação de proteção, segurança e sentimento de utilidade.

Em idosos, o vínculo e a situação de interdependência é ainda maior. Segundo Berzins (2000, p. 63) pacientes hospitalares demonstram o desejo de melhorar logo para cuidar de seus animais. Para a médica, os *pets* também atuam como suporte emocional, “representando apoio para confiar e falar. Ele é cúmplice do que o seu tutor lhe conta”.

Não é à toa que a Terapia Assistida por Animais é reconhecida em todo o mundo como complementar ao tratamento alopático. Hoje, hospitais como Albert Einstein liberam a visita dos *pets* aos pacientes internados. Além disso, organizações formadas por médicos, psicólogos, fisioterapeutas e pedagogos atuam em hospitais de renome como o Hospital do Câncer e Hospital das Clínicas de São Paulo, ajudando nos departamentos de oncologia, geriatria, fisioterapia e psiquiatria.

Segundo Vinícius Ribeiro (2011, online), fundador da organização TAC de terapias assistidas por cães, os animais ajudam crianças a enfrentarem o

estresse de exames como a tomografia, e auxiliam na mobilidade de idosos e pessoas em reabilitação fisioterápica por meio de atividades como jogar bolinhas e escovar o pêlo. No departamento de psiquiatria, cães e gatos ajudam na expressão de sentimentos e linguagem de crianças autistas e de mulheres e crianças que passaram por situações de violência. Nesses casos, os pacientes estabelecem um vínculo com o *pet*. Os animais representam a confiança e funcionam como facilitadores que ajudam na expressão de sentimentos dolorosos.

A psicanalista Marisol Sendin que acompanha o projeto de Terapias Assistida por Animais no Hospital das Clínicas de São Paulo, em entrevista ao Jornal Estado de São Paulo (2011, online), reforça a persistência dos animais. Marisol lembra do caso de uma adolescente com depressão que não permitia que outros se aproximassem. Um dos cães voluntários no hospital a visitava constantemente, mas não recebia atenção, pois a menina e ficava com a coberta por cima da cabeça. “Uma vez o Aníbal pegou os chinelos dela no chão e os colocou na cabeça dela. Ela foi obrigada a se descobrir. Quando teve alta, ela fez uma declaração de amor ao cachorro e fez um desenho a ele”.

Em hospitais, casas ou até no ambiente de trabalho, estudos cada vez mais comprovam o benefício dos *pets* para os humanos. O animal serve como apoio emocional, um objeto transacional que supre necessidades de expressão ao mesmo tempo que oferece suporte. Favorecem a comunicação e o desenvolvimento humano. São amigos especiais, membros importantes da família e seres que proporcionam interações sociais, carinho e amor, segundo Triebenbacher (1998, p.191-200).

O amor e companheirismo fornecidos pelo animal só serão cessados com a morte. Eles não interrompem a relação voluntariamente. Contudo, o tempo de vida de um *pet* é muito pequeno quando comparado ao do ser humano. A chance de o tutor vivenciar a morte do seu animal é muito grande, e encerrar esse ciclo colocando-o como o membro da família que representava

é de extrema importância para o conforto e alento do enlutado.

2. O VÍNCULO E A PERDA NA PSICANÁLISE

2.1 O animal como objeto de amor

No último capítulo entendemos um pouco mais sobre o papel que o animal de estimação exerce na estrutura familiar das pessoas, e que ele demanda cuidado e investimento de libido.

Segundo Roudinesco (1998), o termo libido foi emprestado da sexologia por Freud para designar o conceito de pulsão de vida, na obra “Introdução ao Narcisismo”. O livro *Esboço da Psicanálise*, também escrito por Freud, retrata a libido como “a energia de Eros”, deus do amor na mitologia grega.

Considerada a principal determinante da psique humana, a libido passa a ser investida em objetos não necessariamente ligados à sexualidade:

> Todavia, a libido, que é uma dimensão fundamental da pulsão, fixa-se em objetos: essa libido objetal pode deslocar-se em seus investimentos, mudando de objeto e de objetivo. É então sublimada, ou seja, derivada para um objetivo não sexual (...) (ROUDINESCO, 1998, p. 473)

Com isso em mente, é possível considerar o animal de estimação como um dos objetos de amor no qual a libido do tutor é depositada. Tal energia é despendida com o animal a partir do momento em que o ser humano deposita esforço para cuidar biologicamente do *pet* e principalmente, no amor que permeia a relação.

Segundo Dunker (2015, p. 162), os animais podem ser enquadrados como um dos itens do amor ilusório. O ser humano projeta no *pet* o que gostaria de encontrar no outro, atributos como lealdade e disponibilidade total. O animal desperta a orientação do tutor para o chamado “amor do outro”, fenômeno semelhante ao que acontece com crianças. Freud (1914, p.86),

ainda em seu escrito sobre o narcisismo reforça isso: “a atração da criança reside em grande parte em seu narcisismo, em sua complacência consigo mesmo e em sua inacessibilidade, o mesmo que com certos animais que não parecem fazer caso de nós”.

Apesar do animal não exigir amor e grande esforço, segundo Dunker (2015. p. 163), é justamente isso que faz seu tutor associá-lo às combinações que levam ao amor. Além da identificação, podemos citar a demanda e a transferência.

A frase “queria ter a vida do meu gato ou do meu cachorro” é comum entre os donos de *pets*. Em tempos de escassez de tempo e preocupações constantes, desfrutar da tranquilidade de ter as necessidades básicas atendidas ou poder dormir por horas seguidas, é um cenário atraente. Os animais, mesmo não tendo consciência disso, despertam em seus tutores o desejo de ser como eles.

Ainda no estudo sobre o narcisismo, Freud (1914, p. 36) diz que escolhemos nosso objeto de amor de acordo com o que fomos, o que somos ou o que desejamos ser. Amamos sempre uma parte de nós mesmos que está dentro desse objeto. Lacan (1958, p. 641), em seu escrito *Direção do Tratamento e os Princípios do Seu Poder*, fala sobre a demanda de amor, que não é demanda de nenhuma necessidade e por isso nunca consegue ser preenchida. Isso resume a sensação de incompletude tão comum ao ser humano. Como ele mesmo coloca,

> Daí o caráter problemático e ambíguo do lugar onde se situa o desejo. Esse lugar está sempre para além da demanda, considerando que a demanda almeja a satisfação da necessidade, e no aquém da demanda, na medida em que esta, por ser articulada em termos simbólicos, vai além de todas as satisfações para as quais apela, é demanda de amor que visa ao ser do Outro, que almeja obter do Outro uma presentificação essencial - que o Outro dê o que está além de

> qualquer satisfação possível, seu próprio ser, que é justamente o que é visado no amor. (LACAN, 1999, p. 418)

Quando um animal entra na estrutura familiar, ele incentiva interações do seu tutor para com ele. Muitas vezes essas ações despertam sentimentos e sensações adormecidas, vindas da primeira infância do ser humano, como o carinho, o afeto, a atenção e o cuidado. O amor é colocado em primeiro plano, e por vir do animal, o tutor assimila que ele nunca será negado.

Ao contrário das relações com os humanos, o trato com os animais tende a se fortalecer dia a dia. Pequenas contrapartidas são entendidas pelo dono do *pet* como retribuição a todo esforço despendido. É como se o animal dissesse “muito obrigado”, cada vez que sobe em seu colo, lambe, ronrona e espera à porta.

Quando falamos de humanos, essa troca é impossível. Diferente do animal, o humano está suscetível a momentos e situações que enfraquecem relações. O objeto de amor e a libido são deslocados conforme vão sendo alcançados, e o que hoje é sinônimo de amor, amanhã pode significar angústia.

A relação de amor com o animal não difere da estrutura de linguagem do inconsciente – metafórica e metonímica – relatada por Freud e aprofundada por Lacan. Em relações entre seres humanos, no momento da paixão, a metáfora como idealização é trabalhada, mas com a convivência, o sentimento expressa-se como metonímia, pois é necessário reviver aqueles primeiros momentos para sustentar o amor, ou ele se esvai. A principal diferença, segundo Dunker é que no caso dos animais não há um substituto para o amor:

> Esta última admite uma potência de fidelidade incomparável com a primeira. Seria bastante incomum a cobiça de trocar nosso cão pelo cachorro do vizinho, ou de mandar embora nossa antiga gata para adquirir uma nova e atraente felídea. Não enjoamos de nosso amor animal, nem queremos refazer com ele nossos primeiros

> encontros, com eles somos capazes de realizar o antigo e quiçá impraticável sonho humanoide de um casamento feliz. (DUNKER, 2015, p. 167)

A única forma de encerrar essa relação, e fazer com a que a libido se desloque para outro objeto, é diante da morte do animal. Por isso, quando um animal de estimação morre, seu tutor não perde só um amigo. Sua libido é abruptamente deslocada e a segurança do amor incondicional se esvai, desencadeando o processo de luto.

2.2 O momento da perda do animal: com a palavra, o enlutado

O luto é considerado um processo natural e democrático. A morte é inevitável para qualquer ser vivo e por isso, em algum momento todo ser humano vivenciará uma experiência de luto, mas as reações e a forma como o enlutado encara sua perda dependem da construção do seu Eu.

Quando falamos de animais de estimação, o processo é semelhante. Apesar do estudo da perda do animal ainda ser um tanto quanto recente na psicanálise, a equivalência dos sintomas de sua perda com aqueles causados pela morte de um ser humano é perceptível.

Em 2013, a psicóloga Déria de Oliveira dedicou-se a explorar o reconhecimento da perda quando um animal de estimação morre. Em sua pesquisa de doutorado, conversou com centenas de participantes sobre o momento da perda do seu animal de estimação. A relação desses sintomas clínicos com a psicanálise será vista no próximo capítulo, mas é importante registrar os relatos de alguns desses enlutados para entendermos melhor a dimensão da sensação da perda.

Evidenciar esses sintomas ajuda a mostrar que não se trata de uma “humanização” desnecessária. É muito difícil para àqueles que não têm um animal de estimação, ou que não desenvolveram o mesmo tipo de afeto pelos seus animais, compreender a imensidão da dor, reconhecer os sintomas entre

os que o cercam e até mesmo oferecer algum apoio aos que sentiram essa perda e se encontram nesse processo de luto. Quando reproduzimos as frases literais dos enlutados, é mais fácil colocar-se no lugar do outro e reconhecer a dor.

Alguns fatores, como idade e a causa da morte, podem influenciar no processo de luto pelo animal, assim como acontece com humanos. Mortes inesperadas, como atropelamentos, envenenamentos, doenças terminais seguidas por eutanásia, por exemplo, são situações que dificultam a significação do luto.

Os casos abaixo são relatos claros de luto antecipatório, fenômeno que desencadeia angústia e ansiedade diante de uma provável perda:

> Eu deixei de viajar porque ele estava ruinzinho, precisava de remédios. (Participante PV2, citado por OLIVEIRA, 2013, p. 119)
>
> Ao longo da doença já fomos nos conformando com sua morte. Já era uma despedida. (Participante PV4, citado por OLIVEIRA, 2013, p. 119).
>
> Pedi perdão por sacrificá-la, pois era contra, mas não havia outro jeito. Agradeci por tudo que aprendi. Era uma filha para mim. (Participante PV246, citado por OLIVEIRA, 2013, p.131)

Depois da ocorrência da morte, é possível identificar no depoimento dos participantes, frases ligadas às fases do luto como entorpecimento, negação, raiva e culpa:

> Fiquei sem chão. (Participante PV320, citado por OLIVEIRA, 2013, p.131)
>
> Estava sozinha, meio que entrei em choque. Eu gritava e não sabia o que fazer. (Participante PV23, citado por OLIVEIRA, 2013, p.131).

> Me lembro com clareza de ter sentido muita raiva de Deus. Fiquei extremamente revoltada por meses. Chorava todos os dias. (Participante PV37, citado por OLIVEIRA, 2013, p.131)

> Sinto culpa por não ter identificado logo o problema renal. (Participante PV267, citado por OLIVEIRA 2013, p.140)

> Quando vieram buscar ele, estava enrolado nos paninhos. Eu levei ele na caixinha. Fui descendo e chorando e disse vai Mickey, você foi muito amado. (Participante PP, citado por Oliveira, 2013, p.124)

Analisando pessoas que perderam o animal há mais tempo, é possível notar também a mudança dos sintomas ligados ao luto, como a percepção do impacto na rotina de atividades, no cuidado e no processo de assimilação da morte do animal:

> Passei cerca de seis meses escutando ela andar pela casa, chamava e lembrava que ela tinha morrido. Depois foi passando e hoje, sinto só saudade. (Participante PV151, citado por OLIVEIRA 2013, p.141)

> Os brinquedos mais importantes estão no mesmo lugar. Não consigo mexer. Não deixo ninguém mexer. (Participante PV70, citado por OLIVEIRA, 2013, p.141)

Outro sintoma característico identificado é a dificuldade que o enlutado enfrenta para desligar o vínculo. É o momento em que o ser humano recorre a alguma referência maior, àquilo que a psicanálise chama de Grande Outro, figura que utilizamos para justificar e até nortear nossas atitudes:

> Não gosto de pensar em Pluto se deteriorando. Vejo como se ele estivesse numa nuvem, não

> quero ter outra imagem dele. (Participante PU, citado por OLIVEIRA, 2013, p.140)

Por último, é necessário abordar um dos tópicos mais importantes quando se trata do luto pelo animal de estimação: o desafio de vivenciar uma perda não reconhecida pela sociedade. Durante a pesquisa, a situação da falta de apoio e compreensão foi quase unanimidade entre os participantes. Pode-se dizer que é na hora da morte, que o animal volta para o quintal, que ele deixa de ser membro da família. Não porque seus tutores passaram pela morte do *pet* inabaláveis, e sim pela falta de redes de acolhimento, como mostram os relatos a seguir:

> Quando meu cachorro morreu senti a reprovação por parte de muitos. Senti que me achavam uma tola e que era só um cachorro que tinha morrido. Que não precisava de todo aquele drama. Foi muito triste, até pessoas mais próximas não entenderam meu sentimento. (Participante PV258, citado por OLIVEIRA, 2013, p.149)

> As pessoas acham que é exagero, que é apenas um animal que pode ser substituído e não entendem esse vínculo. (Participante PV80, citado por OLIVEIRA, 2013, p.149)

A importância de descrever fielmente os relatos dos avaliados na pesquisa é que tais depoimentos ajudam a aproximar-nos mais da dor do enlutado. Com essas frases em mente, nos aprofundaremos nos conceitos teóricos do luto para entender as fases, elaboração e desafios desse processo natural, porém tão traumático para muitos dos que ficam, como no exemplo a seguir:

> Desde que ele foi embora eu fique nesta tristeza. No começo que ele morreu, meu coração doía. Sofro tanto a perda deste animal. Às vezes acho que vou morrer de saudade. Sinto muita saudade do meu cachorro. (Participante PU, citado por OLIVEIRA, 2013, p. 137)

3. LUTO PELO ANIMAL DE ESTIMAÇÃO

3.1 Afinal, o que é o luto?

Parkes (1998, p. 22) tem uma famosa frase sobre o luto: ele é o preço do amor. Contudo, só quem já perdeu alguém próximo, seja humano ou não, sabe o quão intenso é o processo de pagamento dessa inevitável dívida. O fenômeno desperta a curiosidade dos estudiosos da mente humana desde o início da psicanálise e as pesquisas sobre o tema são importantíssimas para compreender o sintoma que acomete a sociedade.

A morte é uma das principais manifestações do Real, citadas por Lacan (NETTO, 2015, p.169). O real desconstrói, e não conseguimos significar sua intervenção. É como se sentir ultrapassado, ser surpreendido por algo impossível de acontecer. É uma descontinuidade tão grande que esburaca o simbólico como vazio (SANTAELLA 1985, p.29, *apud* JUNGK, 2012, p.239), como se o indivíduo não tivesse capacidade, ferramentas, linguagem para absorver o acontecido. Isso ocorre pois:

> O real é aquilo que escapa, que não pode ser totalmente simbolizado por estar o sujeito condicionado pelo seu desejo, é aquilo que está para além de qualquer interferência humana [...] (JUNGK, 2012, p.238)

O evento de perder alguém querido é da ordem do real, pois tal registro é “independente dos outros dois registros” (CESAROTTO e SOUZA LEITE 1992, p.62 apud JUNGK, 2012, p.238). Assim, por mais que saibamos da iminência da morte, ela não está nos nossos códigos simbólicos. Por exemplo, quando alguém está doente há algum tempo e com um diagnóstico terminal, entramos em um processo de luto antecipatório, sabemos que aquele evento cedo ou tarde acontecerá, mas na hora da perda ainda somos tomados por uma sensação de choque, disruptiva.

> O luto não é apenas perder alguém (furo no real), mas convocar para esse lugar algum ser fálico para lá poder sacrificá-lo. O sujeito terá, então, perdido não só alguém, mas, além disso, mas, ademais, mas, em suplemento, um pequeno pedaço de si. (ALLOUCH, 2004, p. 285)

Quando perdemos um ente querido, é como se uma parte de nós e de nossa história partisse junto.

No texto *Considerações Atuais sobre a Guerra e a Morte* (1915, p. 230) Freud destaca que cada ser humano está convencido da sua imortalidade. Desde pequenos, colocamos a morte de lado, como se não fosse um processo natural e inevitável à vida. Contudo, quando estamos diante de um falecimento, nos deparamos com a realidade da morte.

A morte leva ao Eu a forçosa renúncia do objeto, declarando-o morto e ao mesmo tempo, oferece ao Eu o prêmio de continuar vivo. Esse misto de sentimentos, consome o sujeito de forma intensa.

> Então na sua dor, ele teve que aprender que ele também podia morrer, e todo o seu ser revoltou-se contra tal admissão, pois cada um desses amores era um pedaço do seu próprio amado eu. (FREUD, 1915, p. 236)

Além de parte de nós morrer junto com o falecido, reforçamos o conceito visto de que ao amarmos ou estabelecermos uma relação de apego com um objeto, investimos nossa libido nisso. Freud (1915, p. 173) observa que quando o objeto amado não existe mais, precisamos que toda a libido seja retirada das nossas conexões com esse objeto. A retirada dessa posição libidinal causa dor e sofrimento e então, tem início o processo de luto: perdemos o interesse pelo mundo externo, não temos a capacidade de exigir um outro objeto de amor (já que substituir o objeto perdido seria uma traição) e nos afastamos de toda atividade que não esteja ligada à memória do falecido.

Segundo Parkes (2008, p. 100) os componentes essenciais do luto são a “experiência da perda e uma reação de anseio intenso pelo objeto perdido". Crises de choro, inquietação, ouvir ou ver sinais que lembram o falecido são alguns dos sintomas que expressam a vontade do indivíduo de ter de volta o objeto.

Após uma perda, é necessário um tempo de adaptação até que consigamos reestruturar nossos sentimentos, sair do torpor e nos permitir absorver as sensações do novo universo no qual a realidade se transformou. Parkes (1998, p. 22) diz que o luto pode não causar dor física, mas altera funções. Por esse motivo, pessoas enlutadas são tratadas pela sociedade como tal:

> O empregador admite que faltem ao trabalho, elas ficam em casa e os parentes as visitam e conversam em voz baixa. Por algum tempo, outras pessoas assumem a responsabilidade de tomar decisões e fazer coisas em lugar dos enlutados. (PARKES, 1998, p.22)

Segundo Freud (1915, p. 171), o luto pode ser definido como:

> A reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal, etc. [...] Confiamos em que será superado após certo tempo, e achamos que perturbá-lo é inapropriado e até mesmo prejudicial.

O luto é um processo que demanda muito do Eu e da Psique, por isso, o enlutado fica inibido e ausente do mundo exterior. O afastamento da realidade reforça o apego ao objeto, e a existência dele se prolonga na mente:

> Para a maioria das pessoas no início do luto, o mundo é um caos. Como elas lutam para encontrar o que não pode ser encontrado, ignoram o que pode ser encontrado. Sentem como se a parte mais importante, mais central delas tivesse ido embora, ficando apenas o que é sem

> significado e irrelevante. No fundo do coração, acreditam que a pessoa morta não voltará, e, no entanto, estão envolvidas na tarefa de recuperar o que está morto. Não é de surpreender que sintam que o mundo tenha perdido seu propósito, e não faça mais sentido. (PARKES, 2008, p. 102)

Uma frase recorrente em enlutados é a “tudo está vazio”. O enlutado sabe que perdeu algo valioso, mas só consegue pensar em quem perdeu, e não no que perdeu (FREUD, 1915, p. 165) “Enterramos com ele todas as nossas esperanças, ambições, alegrias, ficamos inconsoláveis e nos recusamos a substituir aquele que perdemos.”

Com a morte de um amigo, se vai todo o apoio, compreensão e rotina. Quando esse amigo é um animal, perde-se a recepção ao chegar em casa, a companhia durante o passeio do fim de semana, as brincadeiras e até as sonecas compartilhadas.

Com o tempo, o processo de luto executa passo a passo o desligamento da libido. A psicologia cita cinco fases do luto: negação, raiva, negociação, depressão e aceitação. Segundo Parkes (2008, p. 60), durante o processo de luto, as pessoas passam por fases não lineares. Oscilam entre momentos de melancolia e de pulsão de vida. Uma foto, uma lembrança, por exemplo, pode trazer à tona um episódio de dor.

Outra característica do luto, segundo o autor, é que o enlutado se abstém de toda crítica a ele. Toda relação traz prós e contras, mas quando perde-se um ente querido, só os prós vêm à mente e isso deixa o processo ainda mais difícil.

Aos poucos, o ciclo se completa. Após absorver todas as energias do Eu, o processo de luto muda expectativas, crenças, desliga o vínculo do apego e a ressignifica a posição do Eu no mundo, já que agora o ente perdido vive apenas dentro do Eu. A dor dá lugar à saudade e a libido encontra novos investimentos.

> A cada uma das recordações e expectativas que mostram a libido ligada ao objeto perdido, a realidade traz o veredicto de que o objeto não existe mais, e o Eu, como que posto diante da questão de partilhar ou não esse destino, é convencido, pela soma das satisfações narcísicas, em estar vivo, a romper seu vínculo com o objeto eliminado." (FREUD, 1915, p. 189)

Vimos que o luto é um processo natural, comum a todos, e democrático. Mas as reações e a forma como o enlutado encara sua perda são muito específicas e dependem da construção do seu Eu (PARKES, 1998, p. 145). O processo do luto pode levar dias, meses ou anos e todo o processo está ligado aos aspectos que ligam o Eu ao objeto perdido.

Dessa forma, quando o luto não é autorizado socialmente, ele se torna uma experiência ainda mais particular. Viver a lasciva do luto sem amparo torna o processo ainda mais desafiador.

3.2 O luto não reconhecido

Em nossa sociedade, conseguimos aceitar o luto, principalmente, das pessoas que acabaram de perder um ente humano. Contudo, situações que teoricamente fogem do convencional não são muito bem compreendidas.

Segundo Gorer (1965, apud. PARKES 1998, p.26), o processo de luto muitas vezes é entendido com uma fraqueza, um mau comportamento, que pode ser facilmente consertado e não como uma necessidade psicológica. Além disso, segundo Doka e Martin (2002, apud OLIVEIRA 2013, p. 51), a expressão do luto é influenciada fortemente pela cultura. A sociedade determina quais são as regras, valores das relações, por quem se pode chorar, por quanto tempo, local, para quem podem ser feitos rituais de despedida e quais perdas justificam o entorpecimento de uma pessoa.

Vimos que o animal de estimação muitas vezes desempenha uma função de membro familiar. Segundo Parkes (1998, p. 118) os papéis que desenvolvemos, como nos vemos, interagimos e nos comportamos têm ligação com o que representamos para o outro e o que o outro representa para nosso Eu. Esses papéis estão presentes durante toda a relação, e influenciam, inclusive, no momento de seu encerramento pela morte.

Quando um animal de estimação amado morre, o indivíduo se vê no processo de luto descrito no capítulo anterior, afinal a morte do *pet* muitas vezes significa a morte de alguém da família. Contudo, essa similaridade acontece apenas internamente. Perante a sociedade, a aceitação do luto pela morte do animal é absolutamente diversa.

O luto para com o animal de estimação segundo Doka (1989, p.4) faz parte do “luto não autorizado”, termo usado para designar perdas que não podem ser abertamente apresentadas, socialmente validadas ou publicamente pranteadas. Dentre elas, Parkes (1998, p. 163) reforça a categorização no luto pela morte do animal de estimação nas perdas não reconhecidas, juntamente, com abortos, entre outras.

Apesar da relação crescente entre humano e animal de estimação, muitas vezes, o sentimento de luto para com o *pet* não é validado pelos que estão ao redor do enlutado. “O luto pode ficar sem reconhecimento se o enlutado não consegue expressá-lo ou se pertence a um grupo que não reconhece sua perda. Estudos recentes mostraram que elas precisam expressar o luto. Infelizmente, quase nunca participam de funerais ou têm oportunidades de compartilhar pensamentos e sentimentos sobre a morte.” (PARKES, 1998, p.165).

O não reconhecimento dessa dor pode ser um entrave. Segundo Gorer (1996, p.168), “o trabalho de luto é favorecido ou entravado e sua evolução facilitada ou tornada perigosa conforme a maneira como a sociedade em geral trata o enlutado”.

Ainda segundo Parkes (1998, p.163-164), problemas podem surgir na expressão do luto, que pode ser intensificado por ter sido ignorado ou reprimido, porque a raiva e a culpa podem surgir e complicar o curso do processo de luto, pela exclusão do enlutado dos rituais e pela falta de apoio social para viver o processo de luto.

3.3. A dor é a mesma. Os obstáculos, ainda maiores.

Como vimos, o que difere o reconhecimento ou não do luto é a aceitação da sociedade. A falta de redes de apoio, empatia e rituais, por exemplo, são consequências dessa informalidade.

Contudo, o sofrimento ainda é visceral, e esses dois fatores aliados podem desencadear episódios de luto patológico e melancolia. Nos próximos tópicos, abordaremos a intensidade da dor e os obstáculos enfrentados pelo enlutado, que alertam para a necessidade de a sociedade acolher quem perde um animal de estimação.

3.3.1 A similaridade da dor

Segundo um estudo realizado pelo Observatório *Fundación Affinity,* instituto espanhol que analisa o vínculo entre humanos e *pets*, 63% dos entrevistados percebiam a relação com seu animal de estimação de maneira mais próxima do que o vínculo com alguns de seus parentes.

Com esse público, Gardemann (2009, p. 33-36) realizou um estudo no Paraná sobre as reações *post mortem* dos enlutados que perderam seus animais. Os participantes relataram necessidade de gritar com alguém, solidão, raiva, culpa, choro e nó na garganta após a morte do animal. Respostas que reforçam a existência de um forte vínculo afetivo e a similaridade do processo de luto quando um ser humano morre.

O entorpecimento foi um dos sintomas sofridos. Parkes (1998, p. 120) caracteriza o estado pela confusão e desorganização até que o enlutado assimile a perda sofrida. Segundo Oliveira (2013, p.126), muitos entrevistados alegaram “ficar sem chão, perdidos e transtornados” após a morte do animal querido.

Como vimos, o animal interfere na dinâmica familiar e no estilo de vida de seus tutores, e sua perda aflora a insegurança, a dor e juntamente com isso, a quebra de uma rotina incide. O mundo como acontece para o enlutado mudará para sempre, e essa perspectiva assusta e entorpece o enlutado por algum tempo.

Outro sintoma descrito por Parkes (2009, p.160) é a ansiedade da separação, muito presente no luto antecipatório. Segundo Freud (1915, p.230) o ser humano evita pensar sobre a morte, pois refletir sobre ela é entender que todos, inclusive quem está pensado, um dia irá morrer:

> Nós agíamos como se as coisas fossem diferentes. Manifestávamos a inconfundível tendência de pôr a morte de lado, de eliminá-la da vida. (...) Pois a própria morte é também inconcebível, e, por mais que tentemos imaginá-la, notaremos que continuamos a existir como observadores. De modo que na escola psicanalítica pudemos arriscar a afirmação de que no fundo ninguém acredita na própria morte (...) Cada um de nós está convencido de sua imortalidade.

Com o avanço da medicina veterinária e maior atenção dos tutores à saúde animal, casos de doenças atribuídas a humanos, como câncer, se reproduzem no histórico de saúde de cães e gatos. Consequentemente, o tutor se depara com tratamentos apenas paliativos e com uma angustiante espera pela dor da morte do animal.

A ansiedade da separação e em muitos casos, a possibilidade da decisão pela eutanásia desencadeia um processo de luto antecipatório pelo animal. O Eu se angustia perante todas as mudanças que ocorrerão com a partida definitiva do *pet*. Muitas vezes, o sofrimento pode ser ainda maior no imaginário (Parkes, 1998, p.160).

A culpa também está muito presente. Segundo Oliveira (2013, p.127-130), entrevistados que perderam animais de estimação se culpavam por optar pela eutanásia, por não deixar o animalzinho de dieta ou por não ter recursos financeiros suficientes para amparar o animal.

Reações de raiva também permeavam o enlutado. Deus, familiares e amigos que supostamente não compreenderam a gravidade da situação ou não apoiaram suficientemente o animal, e até mesmo médicos veterinários foram alvos de expressões de revolta por parte dos entrevistados por Gardemann (2009, p.33-36).

Como a dor não é reconhecida pela maioria das pessoas, muitas vezes os que estão próximos ao enlutado não entendem ou não sabem lidar com o sentimento do outro e, na tentativa de atenuá-la, acabam causando ainda maior sofrimento e o enlutado se sente incompreendido e abandonado.

Segundo uma pesquisa de Déria de Oliveira (2013, p.91), entrevistados disseram que não choraram publicamente a morte do seu animal ou inventaram desculpas para faltar no trabalho sem contar o real motivo. Ela completa:

> Também existe o não reconhecimento do enlutado, sendo assim é uma perda que está inserida nas três razões para o luto ser considerado não autorizado; pois a sociedade não reconhece o enlutado pela morte do animal, como enlutado, porque o relacionamento e a perda não são validados. (OLIVEIRA, 2013, p.61)

Tentativas de conforto envolvem muito menos expressões de empatia e muito mais afirmações como “era só um cachorro” ou “você pode adotar outro”. Tais expressões podem contribuir para um processo de luto mais difícil, já que o indivíduo não encontra apoio para expressar sua angústia e internaliza ou enfrenta sozinho sua dor.

Segundo Oliveira (2013, p. 147), durante sua pesquisa, ela se deparou com entrevistados que diziam frases como: “as pessoas sorriam, quando falava que estava sofrendo pela morte, mas um sorriso como quem diz: chorar por causa de um cachorro. Meu sofrimento era julgado como algo fora do normal” (PV 201, in OLIVEIRA, 2013, p.147).

Para Donohue (2005, p. 189), o enlutado pode tornar-se isolado e contido ao falar de sua perda por esta não ser reconhecida, o que só piora a situação. Mas há outro desafio. Além das frases “era só um cachorro”, muitas vezes os que estão ao redor do enlutado tentam uma abordagem que pode não ser a melhor forma de ajudá-lo: presenteá-lo com um outro animal.

Segundo Sife (1993, *apud* OLIVEIRA p.138) o enlutado pode se sentir forçado a aceitar de forma imediata um substituto para um ser único. Em alguns casos, a devolução do novo animal é imediata. Segundo a Organização não governamental AMPARA Animal, maior ONG de proteção animal do Brasil, a chance de devolução de um animal adotado para presente é de mais de 40%.

As relações são únicas e não podem ser comparadas. Cada animal tem uma personalidade única e o apego e significação simbólica sempre será diferente. Segundo Beck e Katcher (1996, p.75), “pessoas parecem sentir que seus animais são individuais, e não podem ser substituídos por outros”. Assim como acontece com humanos, o enlutado encara como desleal colocar rapidamente um novo amigo no lugar do animal perdido.

Situações como essa acontecem muitas vezes com pais de crianças pequenas. Na infância, o processo de luto é ainda mais complexo. Muitas

vezes a perda de um animal é o primeiro contato com a morte que uma criança vivencia. Torna-se uma experiência prévia para lidar com as outras mortes que virão no ciclo da vida. Segundo Luciana Issa, psicopedagoga e diretora do Instituto Brasileiro de Educação e Terapias Assistidas por Animais (2014):

> Os pais devem permitir que a criança tenha o tempo necessário para a superação dessa etapa. Conversar sobre a morte do animal, encorajar a expressão dos sentimentos, são fatores importantes porque se constituem em uma ferramenta para o processo de cura, e quanto mais forem expressos, menor a possibilidade da ausência do animal de estimação se transformar em doença.
>
> Os pais podem ajudar a criança a não se sentir sozinha com a dor, porque estão lhe proporcionando compartilhar o luto e entender gradualmente a morte como parte da vida. (ISSA, 2016, online)

Uma das ferramentas de grande auxílio para pais de crianças que perderam um animal de estimação são livros e brincadeiras. Muitas vezes a criança não consegue nem nomear e consequentemente nem entender a dor que está enfrentando. É aconselhável aos pais, nesse momento, explicar que a criança está se sentindo mal pois o animalzinho se foi e com isso, ela não terá mais aquela companhia para as brincadeiras, o carinho representado pelas lambidas e o calor na hora de dormir junto. Colocar esse sentimento na linguagem dela é de grande ajuda.

Nessa hora, o lúdico entra como uma forma de comunicação leve e serena para simbolizar o luto. Cerimônias simples como soltar balões num dia de sol, plantar uma árvore bonita junto ao brinquedo predileto do animal ou procurar publicações específicas que falem sobre o tema ajudam os pequenos a dar adeus de forma mais suave e efetiva.

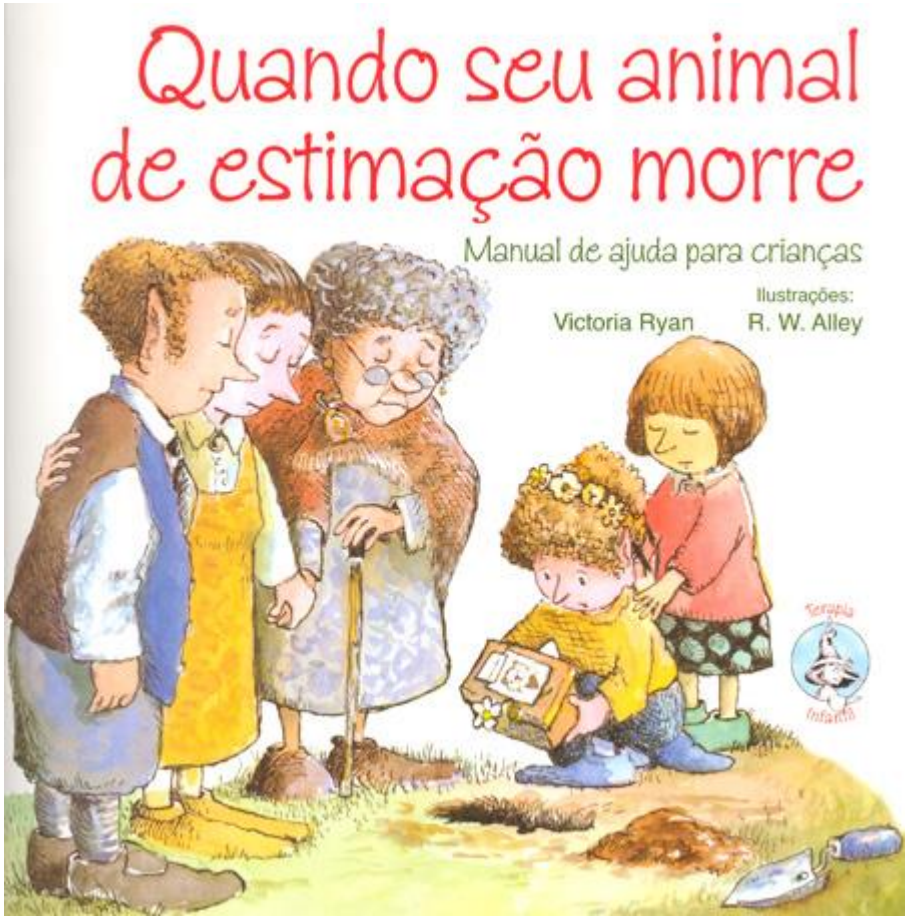

Figura 2. Livro infantil sobre a perda do animal. [2]

O que não é aconselhável é buscar um animal substituto para o enlutado, seja ele criança ou adulto. São raros os casos em que o próprio enlutado procura imediatamente um novo animal. Quando isso acontece, pode ser encarado como uma forma de adiar a dor. O objetivo é preencher o lugar, evitando a perda e consequentemente, adiando o luto, que se manifestará por meio de outros sintomas e situações.

A aquisição de um animal deve ser feita apenas no momento em que o enlutado e sua família estiverem prontos para um novo animal. Caso o contrário, pode ser uma forma de evitar lidar com o luto. Nesses casos, Oliveira

[2] RYAN, Victoria. Quando seu animal de estimação morre. São Paulo: Paulus. 2004.

(2013, p.137) relata que é comum que o enlutado fique comparando comportamentos.

Em vez de ajudar o enlutado a superar a perda, pode reforçar o vazio que seu animal “insubstituível” deixou. O enlutado precisa entender que o animal antigo não voltará mais. Quando ele se reconectar com sua nova realidade e se reorganizar, o vínculo com outros animais poderá existir. Nesse momento é hora de formar novos vínculos para amar e se sentir amado.

3.3.2 Os desafios da perda não validada

Um estudo de Field, Orsini e Packman (2009, on-line) comprovou a importância de distinguir as intensidades do apego nas relações entre animais e seus tutores, pois esses níveis influenciavam as respostas ao pesar pela perda do animal.

Como a dor pela morte do animal de estimação não é validada, os enlutados encontram desafios para vivenciar sua dor. Doka e Martin (2002, p. 337-347) falam sobre alguns momentos em que o luto é parcialmente reconhecido: desde que não interfira no fluxo natural das coisas.

Segundo Déria de Oliveira, os entrevistados relataram mentir para o chefe, colegas de trabalho, de faculdade e pessoas ao redor para faltar aos compromissos rotineiros, pois a sociedade não tolera essa dor e a entende como superestimada. Além disso, muitos relataram ser motivo de chacota quando abriram seu coração sobre a causa da tristeza naquele dia. “As pessoas diminuem a dor, como se aquele animal, apenas por ser animal, não mereça sentimentos, o tratam como objeto” (OLIVEIRA, 2013, p.138-139).

A barreira da aceitação da sociedade acaba interferindo na aceitação do próprio indivíduo enlutado e por isso é fundamental que ele encontre formas de se permitir sentir sua dor.

Chorar é uma das formas mais espontâneas de viver a dor. As lágrimas brotam de maneira lasciva, motivadas pela angústia. Chorar por um ente perdido é aceitável, exceto, se ele não for reconhecido. Uma pesquisa realizada pelo *Canadian Veterinary Journal* (2007, p.967-969), apontou que 50% dos entrevistados tiveram vergonha de chorar pela morte do seu animal.

As regras de luto existem para promover conforto e empatia, contudo como a morte do animal não é validada como algo que desestabilize o enlutado, elas podem não fazer jus ao significado da perda, à quantidade de libido investida no objeto perdido e ao sentimento dos que ficaram.

A rede de apoio composta por amigos e familiares deveria mostrar apoio ao transparecer os próprios sentimentos, deixando claro que não há motivo para envergonhar-se. Essas manifestações, segundo Parkes (1998, p. 207) também asseguram ao enlutado que ele não está sozinho, reduzindo sua insegurança.

Quando o animal é visto pelo enlutado como membro da família, mas esse sentimento não é compartilhado pela maioria das pessoas, é necessário buscar apoio em pessoas que também enxergam o vínculo “animal e ser humano” como algo maior. Pessoas que entendam que a relação de apego está ligada ao que esse animal representava para quem o perdeu e a posição libidinal que ocupava (FREUD, 1915, p.188-191).

Segundo Déria de Oliveira (2003, p.152), os entrevistados encontraram consolo em pessoas que tinham animais ocupando a mesma posição em suas vidas: “Hoje, apenas quem teve um animal que amou muito, sabe respeitar o luto, porque quem não teve, não entende a tristeza”.

A psicóloga Sandra Sanches do *Espacio Ítaca*, um centro espanhol especializado em terapia para os que perderam animais de estimação, confirma em entrevista para o jornal *El País* (2017, on-line): “Nem todo mundo tem um animal de estimação e isso dificulta que as pessoas tenham empatia

em relação a esses casos, e também porque se subestima o vínculo emocional que a pessoa pode ter com o animal".

Na mesma entrevista, Moira Allen, especializada em luto causado pela morte do animal de estimação, afirma que a expressão do luto também pode ser feita por poemas e histórias destinadas ao animal de estimação. Como poucas pessoas têm um lugar para depositar o material criado, o objetivo é dialogar com as lembranças do animal.

No Brasil, por muito tempo e para a maioria das pessoas, procurar o apoio de alguém para compartilhar a dor e se permitir sofrer eram as poucas saídas encontradas para vivenciar o pesar. Contudo, algumas práticas e serviços voltados para esse momento estão chegando ao País.

A equipe do Conselho Regional de Medicina Veterinária (CRMV), nível Brasil, está investindo na capacitação de veterinários para ajudar o tutor do animal a lidar com sua perda. Algumas outras clínicas estão sendo vanguardistas nesse processo também. O Hospital Veterinário Sena Madureira e o Rebouças têm uma equipe de psicólogos de plantão que são acionados para apoiar a família assim que seu animal de estimação morre.

A equipe de psicanalistas que atua voluntariamente na Praça Roosevelt, em São Paulo, dentre outros sintomas, também auxilia quem precisa de apoio no momento da perda do animal de estimação. Há ainda aplicativos, como o "Fala Freud", que permitem sessões de terapia a preços mais acessíveis.

Tais movimentos de apoio ao enlutado, ajudam o indivíduo a passar pela dor sem que impactos e feridas ainda maiores sejam estabelecidas no Eu. É o começo da construção sadia de uma 'nova realidade', sem o melhor amigo ao lado. Segundo Parkes (1998, p. 199) "o luto é um processo de aperceber-se, de tornar real o fato da perda", após esses dias dolorosos, quando vivenciado de forma sadia, o enlutado se dá conta que é preciso recomeçar.

> Ao perdermos uma pessoa querida, o nosso mundo presumido é abalado. Entenda como

> mundo presumido o mundo que conquistamos, o mundo que conhecemos, o que sabemos ou pensamos saber, nossa interpretação do passado, nossa visão de futuro. Ao perder um ente querido, o mundo presumido muda e um novo mundo presumido será construído a partir de então. (PARKES, 1998, *apud* MARIANNO, 2015)

3.3.4 Rituais

No último tópico falamos sobre algumas formas de se vivenciar o luto pelo animal de forma sadia, mas uma dessas maneiras merece destaque: a execução de rituais.

Desde o início da humanidade, os rituais têm papel importante na assimilação da morte de um ente querido. Van de Hart (1988, *apud* PARKES, 1998, p.204) considera que a preparação para o ritual é uma parte importante do processo e passa algum tempo ajudando o enlutado a realizar tarefas que irão levá-lo a rever as implicações da morte.

Os rituais de despedida reúnem pessoas que estão prontas para dar apoio ao enlutado e que compartilham de sua dor. Para Helman (2003, p. 257 *apud* OLIVEIRA, 2013, p. 123), as práticas têm função psicológica, social e protetora. Segundo Parkes (1998, p.198), o ritual permite a consciência da perda e a vivência da tristeza e, apesar de não fazer diferença para o morto, pode ajudar no trato com a dor do enlutado. É uma tentativa de pôr no plano do simbólico a falta causada pela morte, que em sua natureza atinge o real.

> O que são os ritos funerários, os ritos pelos quais satisfazemos o que é chamado a memória do morto? O que é se não for a intervenção total, maciça, do inferno até o céu, de todo o jogo simbólico. [...] É por essa medição que o rito introduz àquilo que o luto abre hiância em algum lugar, mais exatamente `como ele vem coincidir, a

> hiância simbólica maior, a falta simbólica" (LACAN, 1959, p.356)

No Brasil, os rituais para animais de estimação só passaram a ser considerados em 2000, com a fundação do primeiro cemitério para *pets* do País. Contudo, os crematórios e cemitérios específicos ainda estão restritos às grandes cidades e não são economicamente acessíveis para a maioria das pessoas. No Brasil, ao todo, menos de 10 empresas se dedicam a essa atividade.

A maioria das pessoas leva o animal para um destino que reforça o conceito de perda não reconhecida. São eles: os centros de descarte da prefeitura, a clínica veterinária em que o animal foi eutanasiado ou uma clínica veterinária próxima, para que os animais sejam encaminhados ao incinerador municipal.

Segundo uma pesquisa realizada por Déria de Oliveira (2013, p. 122), mais da metade dos entrevistados que realizaram rituais de despedida apontam que foram julgados, pois "pessoas ao redor não entendem que esse animal é muito amado, é um membro da família, e consequentemente acham que os rituais de despedida são uma excentricidade".

Muitas pessoas sem condições, mas com desejo de realizar uma cerimônia, buscam alternativas, como enterrá-lo em um jardim ou em um sítio em que o animal viveu parte de sua história. A medida é arriscada: o Centro de Controle de Zoonoses de São Paulo, por exemplo, adverte que existe um requisito mínimo para o enterro de corpos, para que esses não infectem o solo ou para evitar que outros animais possam cavar em busca do corpo.

Outras pessoas buscam cemitérios virtuais. As plataformas, muitas vezes gratuitas, oferecem uma velinha e até uma lápide com a foto do animalzinho. Segundo o americano Steve Hoffman, em entrevista para o portal Uol Tecnologia (2014, on-line), o cemitério virtual é uma parte importante do processo de luto:

> Os donos dos animais precisam de uma maneira de se expressar, porque os animais são membros da família. E ainda não existem muitos fóruns públicos nos quais as pessoas se sentem confortáveis para descrever o quanto o bichinho significou para ele.

Figura 3: Cemitério virtual nos Estados Unidos. [3]

Na mesma entrevista, um usuário do Cemitério dos Animais, em Belo Horizonte, Romero Caixeta conta que sentiu-se mais aliviado ao enterrar sua gatinha Milady em um endereço certo, com espaço e cuidados diferentes de um aterro sanitário. “É um lugar onde de vez em quando vou para visitar o pequeno túmulo da Milady e ler os nomes e as mensagens dos outros túmulos. O cemitério funcionou com uma casinha para ela. Mesmo depois de ter morrido, ela continua tendo um lugar que é dela”, afirma ele (2011, on-line).

---

[3] THURLER, Larriza. Cemitérios virtuais para bichos (com lápide e tudo) ajudam seus donos no processo de luto**.** Portal **UOL.** 2011. Disponível em (acesso em 10/09/2017) < https://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2011/02/14/cemiterios-virtuais-para-bichos-com-lapide-e-tudo-ajudam-seus-donos-no-processo-de-luto.jhtm >

Em São Paulo, a instituição Paraíso dos Bichos, por exemplo, além do serviço de cremação ou enterro, oferece apoio psicológico aos donos. "Não são todas as pessoas que aceitam essa situação [de sofrimento pela perda de um animal]. Muitos mentem no trabalho para vir no dia do sepultamento. Esse tipo de situação ainda é um tabu", diz a gerente do local, Rosângela Maria Fernandes" (2014, on-line).

Figura 4: Cemitério Paraíso dos Bichos. [4]

[4] Cemitério Paraíso dos Bichos. Disponível em (acesso em: 27/08/2018) < https://www.cemiterioparaisodosbichos.com.br/cemiterio-animal/ >

Figura 5: Cemitério Casa Rosa. Itália. [5]

Os cemitérios virtuais ou reais e os crematórios são formas familiares à cultura ocidental, que fornecem conforto e possibilitam a expressão do sentimento. As pessoas que vivem esse processo têm parte do seu luto validado e encontram uma forma de agradecer ao animal por toda a história que viveram juntos.

Segundo Jungk (2012, p. 241-243) o processo psíquico é tripartido porque seu tempo lógico se divide em uma sequência de três etapas: o instante de ver, o tempo de compreender e o momento de concluir, conforme observou Lacan.

Essas três etapas não são tempos literais, marcados pelo tique-e-taque do relógio e sim, o tempo de interiorizarmos e tomarmos uma atitude diante de

[5] PARGA, Mônica. Luto pelos animais de estimação pode ser tão penoso quanto o luto por outras pessoas?. Portal **EL PAÍS**. 2017. Disponível em (acesso em 03/03/2018) < https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/04/ciencia/1499163248_507694.html >

qualquer situação da nossa vida. Como a morte é um evento marcante, o enlutado precisa primeiro absorver e deixar-se absorver pelo fato que é obrigado a encarar. Permitir-se sentir os sintomas de dor e angústia. Em seguida, aproximar o evento registrado no real do plano simbólico, interiorizando os indícios da morte, chegando o mais próximo de uma representação adequada. Até que, por fim, conclua a veracidade da perda. Verdade essa que permite que o sujeito siga em frente, rumo à liberdade.

Os rituais, grupos de apoio, literatura e atividades lúdicas – todos citados nos últimos itens desta pesquisa – são exercícios que ajudam o enlutado a viver de forma serena e sadia todo o tempo lógico do processo psíquico. Ao dar cada um desses passos, o enlutado transformará o processo doloroso de luto em lembranças que trazem um misto de amor e gratidão por ter vivido dias tão especiais com seu animalzinho. Misto de sentimentos que, com o tempo, poderá ser traduzido em uma palavra: saudade.

3.4 Possíveis consequências

O que acontece quando o luto não é validado? Não podemos fazer previsões certeiras dado que cada pessoa reage de acordo com seu Eu e as variantes da perda. Se o enlutado não falar sobre o luto, se a sociedade não passar a aceitá-lo, e se o enlutado não enterrar seu *pet*, não necessariamente isso será um gatilho para algo maior. Ao ouvir simplesmente o depoimento de um enlutado, não é possível dizer se ele precisa de ajuda especializada ou não, pois existem vários tipos de luto patológico:

> Um erro fundamental que parece estar veladamente presente na maior parte dos trabalhos é a concepção de que existe um único tipo de luto patológico e um único tratamento apropriado. Há diversos tipos de luto patológico que podem exigir métodos de tratamento diferentes entre si. (PARKES, 1998, p. 227)

Apesar das características diversas, podendo ser forte, fraco, rápido ou extenso, imediato ou postergado, é importante diferenciarmos o processo de luto comum da melancolia. Segundo Netto (2015, p. 168):

> Existe também uma forma de loucura denominada melancolia, palavra cuja etimologia significa bílis negra, caracterizada por uma tristeza profunda, um estado depressivo capaz de levar ao suicídio. O escritor francês Victor Hugo (1802-1885), chamou a melancolia de felicidade por estar triste. Freud aproximou-a do luto, que é o pesar por alguma coisa perdida, mas com característica patológica no caso da melancolia. Nesta, há uma impossibilidade de o sujeito fazer o luto do objeto perdido.

3.4.1 Sobre a melancolia

Segundo Freud (1915, p. 172), a melancolia “se caracteriza, em termos psíquicos por um abatimento doloroso, uma cessação de interesse pelo mundo exterior, perda de capacidade de amar, inibição de toda a atividade e diminuição da autoestima”.

A melancolia, nos tempos modernos conhecida como depressão, pode chegar por diversos fatores, muitos não ligados ao luto, mas é sabido que, quando não elaborado, o processo de luto pode evoluir para um quadro patológico e melancólico. A psicanalista Edna Ehler revisita a obra de Freud e fala sobre esse quadro:

> O luto é, portanto, um trabalho de elaboração que pode ser bem ou malsucedido [...] Se alguns sujeitos aceitam a perda e, depois de algum tempo de luto, superam a dor e seguem suas vidas, outros sucumbem, incapazes de elaborá-la. Há os que elaboram parcialmente, e existe ainda os sujeitos que, apesar de elaborar com sucesso

> várias perdas ao longo da vida, esbarram diante de uma condição maior, uma perda mais difícil de ser superada. (EHLER. 2015, p. 44)

Como uma ferida que não consegue cicatrizar, o melancólico atravessa sintomas como falta de interesse naquilo que é externo, autoflagelo e abolição do desejo. O enlutado não consegue desligar sua libido do objeto de amor então se volta para si. Segundo Freud:

> O investimento libidinal ameaçado abandona finamente o objeto, mas apenas a fim de se retirar para o lugar do Eu, de onde havia partido, Refugiando-se no Eu, o amor escapa à eliminação. (1915, p. 192)

É como se o Eu então estivesse morto, como se o enlutado, nesse caso melancólico, de nada valesse. “Daí as ideias de ruína, empobrecimento, desvalorização, abandono”, segundo Edhler (2015, p. 38).

Um dos agravantes da melancolia causada pelo luto é justamente o não reconhecimento da perda. O enlutado entende que a manifestação da dor será diminuída pelo olhar do outro. Com isso, isola-se e encara a dor da perda como algo digno de vergonha ou punição e não como um processo natural do luto. Ao não manifestá-la, muitas vezes não consegue simbolizá-la. Então a libido investida no objeto perdido não consegue deslocar-se para outro objeto e volta-se para o Eu, que o pune severamente.

> Diferentemente do luto, a libido investida no objeto perdido retorna ao eu e lá estabelece a identificação do eu com o objeto perdido. Na melancolia, a perda não apresenta condições de ser simbolizada, ou, melhor, o melancólico não consegue simbolizá-la, o que permitiria algum tipo de cicatrização. (SAROLDI, 2015, p. 38)

A melancolia extrapola a fase de culpa, característica do luto, e como algo patológico, a angústia torna-se perene. O melancólico fica absorto em si.

Ao mesmo tempo em que tudo parece desinteressante, ele sente-se isolado, deixado de lado pela sociedade.

Quando algum amigo ou familiar presta apoio, sente-se indigno de valor e culpado pela consideração com que é tratado, e inconscientemente, afasta-se. Nesse ciclo, cada vez mais o próprio sujeito fica oco e empobrecido, aguardando a punição por parte do outro, e, quando ela não vem por sua rede de pessoas, ele é cruel consigo, destilando ódio contra si. Isso o empobrece ainda mais. Assim,

> Caracteriza a melancolia como um estado profundamente doloroso que traz, como principal consequência a suspenção do interesse pelo mundo externo. Uma inibição de qualquer atividade, que interfere, inclusive, na capacidade de amar. Há, além disso, um rebaixamento no sentimento de si, que de expressa em auto-recriminação e auto-insultos, podendo chegar a uma expectativa delirante se punição" (EDLER 2015, p.29)

O luto pela morte do animal ainda traz outro ponto sensível, pois ele representa um grande amigo, muitas vezes a única companhia do dia a dia. O animal tinha, portanto, função de suporte, como uma base de apoio e isso dificulta ainda mais a elaboração da perda. É como se o objeto perdido morasse também na consciência do enlutado, apoiando suas iniciativas, consolando-o nos momentos difíceis e justificando seus erros. Esse tipo de perda pode ser crítica justamente pelo local que o objeto ocupava:

> Se o sujeito, por uma razão ou outra, não consegue elaborar a perda, realizar o trabalho de luto, e desenvolve, a partir dela, um quadro melancólico, supõe-se que aquele objeto teria uma função de suporte, fornecendo um ancoramento sem o qual ficaria à deriva. (EHLER, 2015, p.46)

3.4.2 A melancolia na atualidade

Nos dias atuais, o processo de luto – seja ele por humanos ou não – enfrenta um outro desafio: a lógica do tempo na época do supercapitalismo.

Hoje, tempo é dinheiro, somos constantemente atacados pelos outros e por nós mesmos, quando paramos para nos reconectarmos com nosso eu. Acontece similarmente com o luto. Mesmo quando ele é validado pela cultura em que estamos inseridos, como é o caso da perda de um familiar querido, ainda assim isso precisa ter tempo para acabar e ele não pode ser longo. Contudo,

> O luto necessita de tempo e reclusão. É durante esse tempo que o sujeito revê e simboliza tudo o que perdeu. Precisa também reestruturar-se e entender como deve agir diante de tantas mudanças. A rapidez imposta, pode atropelar esse tempo, o que muitas vezes gera lutos interrompidos ou precipitados, que podem vir a desembocar em manifestações melancólicas. (EDLER, 2015, p.110)

Mais do que nunca precisamos, como sociedade, observar atentamente a reação dos enlutados. É preciso acolher e amparar.

Segundo Parkes (1998, p. 208) é importante que familiares e amigos do enlutado lhe assegurem que sintomas comuns ao luto de humanos, como a procura pelo objeto, o choro, os sonhos com o falecido e a impressão de senti-lo não são sinais de loucura e sim, sintomas comuns e que chorar pode ser feito de forma explícita e que não significa a perda de controle, apenas tristeza.

Por outro lado, episódios de pânico, sintomas físicos de duração prolongada, consumo excessivo de álcool, drogas, medicamentos, e a persistência de sentimentos excessivos de culpa e raiva são sinais de que as coisas não estão ocorrendo como deveriam. A pessoa precisa de cuidados especiais.

> Quando, apesar de todos os esforços, ficar claro que o enlutado paralisou em seu processo, ou, por alguma razão, o cuidador não está bem certo sobre o curso dos acontecimentos, não deve hesitar em aconselhar o enlutado a procurar ajuda adicional. (PAKERS, 1998. p.209)

Estudos realizados pelo mesmo autor mostram que identificar cedo um caso de luto patológico ou de melancolia, ajuda na recuperação.

> Existe um princípio utilizado em intervenção de risco que a ajuda, quando os padrões patológicos de pensamento e comportamento estão se desenvolvendo, tende a ser mais aceita e mais efetiva do que a que ocorre muito tempo depois que os padrões patológicos se estabeleceram. (PARKES 1998. p. 211)

O enlutado precisa ser assistido com ainda mais carinho, para que mesmo com obstáculos e desafios, possa manter o trabalho de elaboração, prevenindo a chegada da melancolia. Por isso, os grupos e redes de apoio, compreensão dos amigos e familiares, assistência da equipe veterinária, a elaboração de rituais de partida – citadas no tópico anterior – são medidas tão importantes para a saúde psíquica e física do enlutado.

E em casos mais críticos, o aconselhamento pela busca de ajuda psicológica e psicanalítica. Segundo Parkes (1998, p. 231), enlutados submetidos à terapia melhoraram quadros melancólicos, reduziram o desejo de choro e diminuíram o uso de medicamentos e álcool para controlar seus sentimentos. Estavam menos deprimidos e lidando melhor com o luto.

A responsabilidade de quem estuda saúde mental, psíquica e luto é ainda maior. É necessário reforçar a importância da rede de apoio ao enlutado pelo *pet*, prestar atenção aos sintomas e manifestações emocionais e auxiliá-lo na busca por ajuda especializada, antes que a melancolia ou depressão torne-se profunda.

CONCLUSÃO

Com este trabalho, buscou-se aplicar o conceito de luto na psicanálise ao processo de luto enfrentado por tutores de animais de estimação que enxergam seu animal como parte da família.

Na primeira parte da pesquisa vimos que, nos dias atuais, o animal doméstico exerce muitas vezes o papel de amigo e de familiar. O crescimento do mercado pet tanto em faturamento, quanto em diversificação de serviços e produtos oferecidos, é um grande indicador dessa mudança de papel.

E os reflexos vão além dos investimentos mensais financeiros e chegam à mudança da relação entre homem e animal. O vínculo é cada vez maior e mais intenso. Baseado na teoria Freudiana do Narcisismo (1914), identificamos que hoje, o animal é um grande receptor da libido do seu tutor, isto é, dos seus sentimentos, anseios e medos. A análise de artigos do psicanalista Christian Dunker (2015), nos ajudou a identificar que os cuidados rotineiros e a recíproca incondicional de amor também fortalecem a relação tutor e *pet*.

Por isso, não se estranha a intensidade da dor de um enlutado que perdeu seu animal de estimação. Visitando a pesquisa realizada por Déria de Oliveira (2013), tivemos acesso aos depoimentos de quem perdeu um animal de estimação e conseguimos sentir, por meio daquelas palavras, a dor causada pela ruptura da relação e pelo desligamento do objeto de amor, caracterizando o processo de luto, descrito por Freud (1915).

O enlutado pelo animal de estimação ainda se depara com um desafio maior: o não reconhecimento da sua dor. Com os conceitos de Kenneth Doka (1989) pudemos entender que a perda pelo pet enquadra-se nas perdas não reconhecidas e não validadas pela sociedade. Ou seja, essa dor não é considerada como algo comum e aceitável, como acontece quando perdemos um ente humano querido.

Traçando um paralelo entre a pesquisa de Oliveira (2013) e os estudos sobre a perda na vida adulta de Colin Parkes (1998), fica claro que até mesmo as reações e expressões são similares entre quem perde um familiar, amigo ou animal querido, mas a não aceitação da sociedade faz com que o enlutado esteja diante de julgamentos, repreensões e se vê obrigado a lidar com essa dor sozinho, muitas vezes repreendendo-se por senti-la.

Os efeitos são diversos, e na última parte dessa pesquisa nos debruçamos sobre as falas de profissionais de veterinária, psicologia e psicanálise que deixam claro que a dificuldade para exprimir esse sentimento, pode ter efeito devastador e servir de gatilho para uma possível melancolia e depressão.

Os dois últimos quadros, assim como o luto patológico, foram visitados mediante às constatações da psicanalista Edler (2015) que discorre sobre as diferenças do processo comum do luto frente à melancolia e com apoio das pesquisas de Parkes (1998), esmiuçamos alguns sinais que devem ser observados com atenção pelos que rodeiam o enlutado para incentivá-lo a buscar profissionais quando necessário.

Alguns desses profissionais anteciparam-se, perceberam a barreira a ser enfrentada pelo enlutado e começam a movimentar-se em direção ao acolhimento. Equipes de psicanalistas, clínicas veterinárias que oferecem suporte psicológico, grupos de apoio virtual e empresas especializadas em funerais de animais domesticados mostram-se importantes para comunicar à psique do enlutado que mais um ciclo se encerrou e que é comum, importante e sadio sentir a dor por esse rompimento.

É fato, que uma mudança cultural demanda tempo e esforço e que muitas vezes familiares e amigos mais próximos do enlutado ainda não têm acesso à informação ou compreensão da dor. Por isso, espero que essa pesquisa tenha conseguido mostrar, em uma linguagem simples, os desafios de quem perde um animal nos dias de hoje e esclarecer a importância de cada indivíduo olhar com mais compaixão e carinho para esse enlutado,

incentivando-o a expressar-se da maneira que escolher e quando necessário, procurar ajuda de profissionais que lidam com a saúde mental e psicológica.

REFERÊNCIAS

ABE, Maria. Restaurante em bairro chique de São Paulo lança cardápio para cães e gatos. **PET MONEY UOL**. 2016. Disponível em (acesso em 20/03/2018): < https://*pet*money.blogosfera.uol.com.br/2016/01/07/restaurante-em-bairro-chique-de-sao-paulo-lanca-cardapio-para-caes-e-gatos/ >

ALLOUCH, Jean**. Erótica do Luto no Tempo da Morte Seca**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004

AXELROD, Julia. Grieving the loss of a *pet*. Portal **PSYCHCENTRAL**. Disponível em (acesso em 04/05/2018) : https://psychcentral.com/lib/grieving-the-loss-of-a-*pet*/>

BALDO, Raquel. Como lidar com a morte de um animal de estimação. Portal **MINHA VIDA**. 2015. Disponível em (acesso em 07/04/2018) <http://www.minhavida.com.br/bem-estar/materias/20070-como-lidar-com-a-morte-de-um-animal-de-estimacao>

BARTIJOTTO, Juliana. Demanda, desejo e gozo: a direção do tratamento. Blog **LALINGUA.** 2010. Disponível em (acesso em 15/05/2018) < http://lalingua-org.blogspot.com/2010/04/demanda-desejo-e-gozo-direcao-do.html >

BAYER. Amigos para sempre: lidando com a perda do animal. Site **BAYER PET**. 2016. Disponível em (acesso em 03/03/2018) < https://www.bayer*pet*.com.br/criancas-*pets*/amigos-para-sempre-lidando-perda-animal >

BBC. Imagens da Nasa mostram avanço do furacão Irma, o mais forte da última década, em direção ao Caribe. Portal **BBC**. 2017. Disponível em (acesso em 03/03/2018) <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-41172365 >

BECK, Alan; KATCHER, Aaron. **Between Pets and People: The Importance of Animal Companionship.** Indiana: Purdue U.P, 1996.

BERTELLI, Isabela. O luto na morte de animais de estimação. Blog **CIENTIFICAMENTE.** 2008. Disponível em (acesso em 20/03/2018) < http://cienciaemente.blogspot.com/2008/08/o-luto-na-morte-de-animais-de-estimao.html >

CANAL DO PET. Conheça a história da domesticação de animais. Portal **IG.** 2016. Disponível em (acesso em 03/03/2018) < http://canaldo*pet*.ig.com.br/curiosidades/2016-07-22/domesticacao-de-animais.html >

CASELATTO, Gabriela. **O Resgate da Empatia**. São Paulo: Summus, 2015.

CATTASSINI, Lais. Convivência com cães melhora humor e ajuda no tratamento de doenças. **DIÁRIO DO GRANDE ABC.** 2011**.** Disponível em (acesso em 15/05/2018) < https://www.dgabc.com.br/Noticia/234721/convivencia-com-caes-melhora-humor-e-ajuda-no-tratamento-de-doencas >

CHAVES, Eustáquio. Da demanda de amor ao desejo do analista. **REVERSO.** Belo Horizonte, 2013, p. 77 – 81.

DESCANSO DO AMIGO. Lápides. Site **DESCANSO AMIGO.** 2015. Disponível em (acesso em 14/05/2018): < http://www.descansodoamigo.com.br/ >

DUNKER, Christian**. Teoria Psicanalítica do Amor pelos Animais.** Revista Diversitas , v. 4, p. 161-178. São Paulo. Universidade de São Paulo. 2016.

EDLER, Sandra. **Luto e Melancolia. À Sombra do Espetáculo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira – Record. 2015.

FERNANDES, **Cara de um, Focinho de Outro**. São Paulo: Butterfly, 2015.

FREUD, Sigmund. Considerações Atuais Sobre a Guerra e a Morte. 1915. **Obras Completas, Volume 12.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. Introdução ao Narcisismo. 1914. **Obras Completas, Volume 12.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. 1915. **Obras Completas Volume 12.** São Paulo: Companhia das Letras. 2016.

FUCHS, Hannelore. **O animal em casa: um estudo no sentido de desvelar o significado psicológico do animal de estimação**. Tese de doutorado em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo. 1988. Disponível em (acesso em 03/03/2018) < http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-27042018-151119/pt-br.php >

FURBINO, Zulmira. Cada vez mais animais de estimação são tratados como gente e recebem cuidados especiais, isso é um problema? Portal **UAI**. 2014. Disponível em (acesso em 03/03/2018) < https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2014/10/07/noticias-saude,191429/cada-vez-mais-animais-de-estimacao-sao-tratados-como-gente-e-recebem-c.shtml >

GARDEMANN. Patrícia; PARANZINI, Cristiane; HADAD, Jamile; TRAPP; Silvia. Aspectos emocionais gerados pela morte do animal de estimação. **Veterinária e Zoologia UNIPAR**, Umuarama, v.12, n.1 p.33-26, jan/jun. 2009.

GONÇALVES, Vinícius. Clínica de estética para animais, ideia criativa para ganhar dinheiro. Site **NOVO NEGÓCIO.** Disponível em (acesso em 20/03/2018) < http://www.novonegocio.com.br/ideias-de-negocios/clinica-de-estetica-para-animais-ideia-criativa-para-ganhar-dinheiro/ >

GORER, Geoffrey. **Death, Grief and Mourning.** Ayer. Ayer Company, 1977

GREEN, Susie. Freud's dream companions. **THE GUARDIAN JOURNAL**. 2002. Disponível em (acesso em 20/03/2018) < https://www.theguardian.com/theguardian/2002/mar/23/weekend7.weekend3 >

HELMAN, Cecil. **Cultura, saúde e doença.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

HOLTHAUSEN, Maria. O obsessivo e seu desejo, segundo o Seminário V de Lacan. Blog **PSICANÁLISE LACANIANA**. 2010. Disponível em (acesso em 14/05/2018) < http://psicanaliselacaniana.blogspot.com/2010/08/o-obsessivo-e-seu-desejo-segundo-o.html >

INGRID, Gabriela. Cães e gatos dão suporte emocional aos donos ou é coisa da nossa cabeça?. Portal **UOL VIVA BEM.** 2018. Disponível em (acesso em 12/05/2018) < https://vivabem.uol.com.br/noticias/redacao/2018/03/09/caes-e-gatos-dao-suporte-emocional-aos-donos-ou-e-coisa-da-nossa-cabeca.htm >

ITACA, Espaço. Nossos serviços. Site **ESPAÇO ITACA.** 2017. Disponível em: (acesso em 14/05/2018) < http://espacioitaca.com/ >

JUNGK, Isabel. **Fundamentos Categoriais do Tempo Lógico Lacaniano**. IV Advanced Seminar on Peirce's Philosophy and Semiotics e 15a. Jornada Peirceana: Caderno, v. 15. p. 233-255. São Paulo – PUC/SP: CIEP - Centro Internacional de Estudos Peirceanos, 2012.

LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios do seu poder. 1958. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar. 1998.

LACAN, Jacques. O desejo e sua interpretação. 1959. **Seminário 06**. Rio de Janeiro: Zahar. 2012.

LESSA, André. Animais que curam. Portal **ESTADÃO**. 2011. Disponível em (acesso em 20/03/2018) < https://www.estadao.com.br/blogs/jt-variedades/animais-que-curam/ >

LPM. Os melhores amigos de Freud. Blog **LPM**. 2013. Disponível em (acesso em 20/06/2018) < https://www.lpm-blog.com.br/?p=19854 >

MARIANO, Rosmary, Conversando sobre o luto. Site **NÃO FOI ACIDENTE**. 2015. Disponível em (acesso em 03/03/2018) < http://naofoiacidente.com.br/blog/conversando-sobre-o-luto-parte-3/ >

MARQUES, Jairo. Albert Einstein libera bichos de estimação para visitar pacientes em SP. Portal **FOLHA DE S. PAULO**. 2013. Disponível em (acesso em 20/03/2018) < http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/04/1256381-albert-einstein-libera-bichos-de-estimacao-para-visitar-pacientes-em-sp.shtml >

MICHAELIS. Dicionário online. Portal **UOL**. 2018. Disponível em (acesso em 03/03/2018) < http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=estimar >

MINOZZO, Paula. Por que o luto por animais de estimação, apesar de doloroso, ainda não é reconhecido? Portal **GAUCHAZH**. 2017. Disponível em (acesso em 20/03/2018) < https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/vida/noticia/2017/01/por-que-o-luto-por-animais-de-estimacao-apesar-de-doloroso-ainda-nao-e-reconhecido-9585355.html >

NETTO, Geraldino Alves Ferreira. **Doze Lições Sobre Freud e Lacan.** Campinas: Pontes, 2015.

OLIVEIRA, Deria. **O Luto Pela Perda do Animal de Estimação**. Tese de doutorado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2013. Disponível em (acesso em 02/07/2017): < https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15313 >

OLIVEIRA, Juliana. Dicas. Site **AMPARA Animal.** 2014. Disponível em (acesso em 03/09/2017): < https://amparanimal.org.br/animal-nao-e-brinquedo-de-natal/>

PACKMAN, Wendy; ORSINI, Lisa; GAVISH, Roni. Role of attachment in response to *pet* loss. **DEATH STUDIES**, Redwood, 2009, p. 334 – 355.

PARGA, Mônica. Luto pelos animais de estimação pode ser tão penoso quanto o luto por outras pessoas?. Portal **EL PAÍS**. 2017. Disponível em (acesso em 03/03/2018) < https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/04/ciencia/1499163248_507694.html >

PARKES, Colin Murray. **Luto – Estudos sobre a Perda na Vida Adulta.** São Paulo: Summus, 1998.

PAULA, Teresa. **Rituais de luto e suas complicações**. Tese de mestrado em Psicologia Clínica para o Instituto Superior de Ciência da Saúde. 2012 Benguela. Disponível em: (acesso em 05/06/2018) < https://repositorio.cespu.pt/bitstream/handle/20.500.11816/244/TESE%20TERESA%20PAULO%20-%20JOS%C3%89%20ROCHA.pdf?sequence=1&isAllowed=y >

PEREIRA, Lucia. Amor, transferência e desejo. **UNIJUI.** Ijuí, Sem data. Disponível em: (acesso em 05/05/2018) < https://www.unijui.edu.br/arquivos/clinicapsicologia/informativos/falandonisso17/ensaio.pdf >

POLI. Mariana. Mercado *pet* cresce graças a mudanças no comportamento dos donos de animais de estimação. Portal **EXAME**. 2017. Disponível em (acesso em 12/05/2018) < https://exame.abril.com.br/carreira/mercado-*pet*-cresce-gracas-a-mudancas-no-comportamento-dos-donos-de-animais-de-estimacao/ >

PRATT. Stephen. Mourning the Loss of Pet. **SOUTH DAKOTA SCHOOL OF MINES & TECHNOLOGY.** 1998. Disponível em (acesso em 03/03/2018) < http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.2190/IL6.4.c >

QUACKENBUSH. GRAVELINE. When your *pet* dies: how to cope with your feelings. **ARQUIVE ORG.** Disponível em (acesso em 09/09/2017): https://archive.org/stream/lossof*pet*00sife_0#page/36/mode/2up >

REDAÇÃO. Conheça os 25 sinais de que seu gato pode estar sentindo dor. Revista **VEJA**. 2016 Disponível em (acesso em 15/05/2018) < https://veja.abril.com.br/ciencia/conheca-os-25-sinais-de-que-seu-gato-pode-estar-sentindo-dor/ >

REDAÇÃO. Franquia investe em buffet e locação de lounge para festas de aniversário de cães. Portal **EMPREENDEDOR.** 2018**.** Disponível em (acesso em 20/03/2018) < http://empreendedor.com.br/noticia/buffet-e-lounge-para-festas-de-aniversario-de-caes/ >

REDAÇÃO. Protetores, carinhosos e estimulantes**.** Jornal **FOLHA DE LONDRINA.** 2011. Disponível em (acesso em 15/05/2018) < https://www.folhadelondrina.com.br/folha-da-sexta/protetores-carinhosos-e-estimulantes-767931.html >

RIBEIRO. Bianca. Mais da metade da população mundial possui animal de estimação. Portal **MUNDO MARKETING**. 2016. Disponível em (acesso em 03/03/2018) < https://www.mundodomarketing.com.br/ultimas-noticias/36264/mais-da-metade-da-populacao-mundial-possui-animal-de-estimacao.html >

RIBEIRO. Vinícius. Terapias Assistidas por Cães. **Mostra de Comunicação Cásper Líbero**, v.1, p. 12-17, nov. 2011.

WALKER, Anne. Ontario courts award compensation for emotion distress associated with the loss of a pet**. Canadian Veterinary Journal,** v.48, p. 967-969, set. 2007.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de Psicanálise.** Rio De Janeiro: Zahar. 1988.

RUFINO, Ítalo. Bicho de estimação virou membro da família. Revista **EXAME**. 2014. Disponível em (acesso em 20/03/2018) < https://exame.abril.com.br/pme/o-novo-membro-da-familia/ >

RYAN, Victoria. **Quando seu Animal de Estimação Morre.** São Paulo: Paulus. 2004.

SEGURA, Ricardo, O cachorro está cada vez mais humano diz estudo. Revista **EXAME**. 2014. Disponível em (acesso em 03/03/2018) <https://exame.abril.com.br/ciencia/o-cachorro-esta-cada-vez-mais-humano-diz-estudo/>

SIFE, Wallace. **The Loss of a Pet.** Nashville: Howell Book House, 1998.

SILVA, Daniela. **E a vida continua... O processo de luto dos pais após o suicídio de um filho**. Tese de mestrado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2009. Disponível em: (acesso em 14/05/2018) < http://livros01.livrosgratis.com.br/cp124732.pdf >

SUPPORT, Chances. *Pet* Loss and Grief. **Chances Spot**. Disponível em (acesso em 03/02/2018): < http://www.chancesspot.org/pdfs/general/*pet*lossgrief.pdf >

TEIXEIRA, Regiane. Público busca cemitérios privados para enterrar ou cremar seus animais. Jornal **FOLHA DE S.PAULO**. 2014. Disponível em (acesso em 10/09/2017) < https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/07/1481055-publico-busca-cemiterios-privados-para-enterrar-ou-cremar-seus-animais.shtml >

THURLER, Larriza. Cemitérios virtuais para bichos (com lápide e tudo) ajudam seus donos no processo de luto**.** Portal **UOL.** 2011. Disponível em (acesso em 10/09/2017) < https://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2011/02/14/cemiterios-virtuais-para-bichos-com-lapide-e-tudo-ajudam-seus-donos-no-processo-de-luto.jhtm >

TRIEBENBACHER, Sandra. Pets as Transitional Objects: Their Role in Children's Emotional Development. **Sage Journal,** v.82, p.1991-200, fev. 2008.

WALKER, Anne. Ontario courts award compensation for emotion distress associated with the loss of a pet**. Canadian Veterinary Journal,** v.48, p. 967-969, set. 2007.

TRINDADE, Priscila. Na contramão da crise econômica, mercado *pet* cresce. Site **FECOMERCIO.** 2018. Disponível em (acesso em 03/03/2018) < http://www.fecomercio.com.br/noticia/na-contramao-da-crise-economica-mercado-*pet*-cresce >

UYEHARA, ANA. Relação homem x animal. **PORTAL DO ENVELHECIMENTO**. 2008. Disponível em (acesso em 15/05/2018) < http://www.portaldoenvelhecimento.com/acervo/artieop/Geral/artigo20.htm >

VINES, Juliana. Especialistas alertam sobre tratamento humanizado aos animais de estimação. Jornal **FOLHA DE S. PAULO**. 2010. Disponível em (acesso em 03/02/2018) http://www1.folha.uol.com.br/bichos/810119-especialistas-alertam-sobre-tratamento-humanizado-aos-animais-de-estimacao >

VIVALDINE, Viviane. OLIVEIRA, Vera. Terapia assistida por animais em reabilitação clínica de pessoas com deficiência intelectual. **Bol. Acad. Paulista de Psicologia.** São Paulo, 2011, V. 31, no 81, p.527-544.

WALKER, Anne. Ontario courts award compensation for emotion distress associated with the loss of a *pet***. Canadian Veterinary Journal,** v.48, p. 967-969, set. 2007.

WEDDERBURN, *Pet*e. Loss of a *pet*. How to help others cope with the grief. **THE TELEGRAPH** Journal. 2017. Disponível em (acesso em 03/02/2018): https://www.telegraph.co.uk/*pets*/news-features/loss-*pet*-help-others-cope-grief/>

WEISMAN, Avery. Bereavement and Companion Animals. **Massachuseits General Hospital** Site. 1991. Disponível em (acesso em 03/03/2018) http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.2190/C54Y-UGMH-QGR4-CWTL